

Diálogo com Beltrão¹

José Marques de Melo²

RESUMO

Este artigo reúne ideias novas e revisitadas pela memória cognitiva a partir da releitura e reescrita dos meus estudos sobre a teoria da Folkcomunicação desenvolvida por Luiz Beltrão. Como pesquisadores comunicacionais estamos avançando, mas ainda é pouco, precisamos estimular as futuras gerações. Elas seguramente vão construir o edifício de um campo do conhecimento que tenha identidade brasileira, sem perder sua vocação universal e sem renunciar ao compromisso local, convertendo cada cidadão em depositário das utopias que embalsamaram as gerações precedentes. Apesar de repetitivo como autor, sempre reunindo e reescrevendo ensaios produzidos sobre a Folkcomunicação, busco incentivar os mais experientes bem como os novos acadêmicos para a importância do agir pedagógico, tanto no espaço universitário quanto no espaço corporativo. O percurso literário deste ensaio em sua primeira parte revisita as raízes históricas do arquipélago cultural destacando o desafio do diálogo nacional interdisciplinar frente à nossa natureza continental. Após a contextualização, trago o perfil de Luiz Beltrão, como jornalista, professor, pesquisador e autor acadêmico e literário. Ao apresentar a Folkcomunicação como disciplina acadêmica, situada na fronteira entre o Folclore e a Comunicação, a partir da perspectiva da influência coletiva dos agentes simbólicos no contexto das comunidades periféricas, faço um alerta ao leitor/pesquisador para a necessidade de estudar criticamente, na contemporaneidade, as raízes da disciplina e mapear as fronteiras, bem como inventariar os sujeitos, objetos e cenários que margeiam o espaço Folkcomunicacional. Finalmente, expressei meu agradecimento aos integrantes da

¹ Este ensaio em homenagem aos cem anos do nascimento de Luiz Beltrão foi escrito e estava sendo reescrito pelo professor José Marques de Melo até o dia 20 de junho de 2018, cinco dias depois de seu aniversário de 75 anos, quando ele fechou os olhos por um segundo, como quem procura na memória aquela palavrinha especial e não os abriu mais. Essa era a sua vida: estudar, trocar saberes, sentimentos e vivências. Antes de pensar, sentia. Antes de falar, escrevia. Por isso mesmo, toda sua obra transcende a área da comunicação e avança interdisciplinarmente através da complexa rede de mediações e interações que nos permite Ser e compreender a natureza humana e o humano na natureza, urbana ou rural, local ou global.

² Foi docente fundador da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, onde conquistou o título de primeiro Doutor (1973), Livre Docente (1983), Professor Titular (1987) e foi agraciado com o diploma de Professor Emérito (2001). Criou e coordenou (1996 a 2018) a Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. Com espírito agregador incentivou e estimulou a criação de redes de associações de pesquisadores comunicacionais como a INTERCOM, SOCICOM, IBERCOM, SOPCOM, AGACOM, CELACOM, LUSOCOM, FOLKCOM, COM_SAÚDE, ALCAR, entre outras. Como Ser acendeu nos corações e mentes dos parceiros e alunos a chama eterna da esperança douta. Como Educador nos legou um imenso aporte intelectual resultado de sua pedagogia da escuta epistêmica. (Regina Cunha, PPGCOM ECA-USP).

Rede FOLKCOM pela maturidade alcançada, visível no aluvião de registros sobre as incursões teóricas ou empíricas e, faço um convite para que prossigam nesta Jornada Beltraniana.

PALAVRAS-CHAVE

Centenário Luiz Beltrão; José Marques de Melo; Folkcomunicação.

Dialogue with Beltrão

ABSTRACT

This paper presents new and revisited ideas by cognitive memory from the re-reading and re-writing of my studies of the Folkcommunication theory developed by Luiz Beltrão. As communicational researchers we are advancing, but still little, we need to stimulate future generations. They will surely construct the building of a field of knowledge that has a Brazilian identity, without losing their universal vocation and without renouncing local commitment, converting each citizen into a custodian of the utopias that have been cradled in previous generations. Although repetitive as an author, always gathering and rewriting my Folkcommunication essays, I seek to encourage the more experienced as well as the new academics to the importance of pedagogical action, both in the university and in the corporate space. The literary course of this essay in its first part revisits the historical roots of the cultural archipelago highlighting the challenge of the interdisciplinary national dialogue in front of our continental nature. After the contextualization, I write Luiz Beltrão's profile, as a journalist, teacher, researcher, academic and literary author. In presenting Folkcommunication as an academic discipline, situated on the frontier between Folklore and Communication, from the perspective of the symbolic agents' collective influence in the context of peripheral communities, I warn the reader/researcher about the need to study critically, in the contemporaneity, the roots of discipline and to map the boundaries, as well as inventory the subjects, objects and scenarios that border the Folkcomunicação space. Finally, I express my thankful to the FOLKCOM's members for their achieved maturity, visible in the flood of records on the theoretical or empirical incursions, and I invite all of you to continue on this Beltranian Journey.

KEY-WORDS

Luiz Beltrão Centenary; José Marques de Melo; Folkcommunication.

Introdução: Raízes históricas

Quando, a partir do século XVI, o território brasileiro começou a ser disputado pelos colonizadores europeus (portugueses, franceses e holandeses), o instrumento de

comunicação vigente em todo o litoral era o tupi-guarani. Essa “língua franca” predominou até o século XVIII, tendo sido codificada, para fins pedagógicos, pelos missionários jesuítas. Durante o ciclo do ouro, os governantes portugueses interiorizam o povoamento, intensificando o fluxo populacional, através da importação de mão-de-obra. Colonos brancos procedentes da Península Ibérica ou recrutados nas colônias asiáticas, bem como escravos negros oriundos da África se misturam com os mestiços resultantes do caldeamento entre lusos e nativos. Para neutralizar os ruídos causados pelo confronto linguístico entre os nativos aculturados e os novos adventícios, os colonizadores lusitanos determinam tardiamente a obrigatoriedade da língua portuguesa nas relações sociais. Esse processo desencadeia tensões, acarretando a transformação do idioma do império, que incorpora palavras ou expressões dos dialetos africanos ou das línguas americanas. O resultado é a constituição de um código de comunicação oral, empregado pelos contingentes subalternos, que se distancia do código escrito, preservado pelas elites. Assim sendo, o processo de comunicação das classes trabalhadoras preservou laços estreitos com a oralidade, cultivada no interior da Colônia, enquanto as classes ociosas permaneceram sintonizadas com o beletismo típico da Corte Imperial. Encontra-se nessa dissonância retórica a raiz da bipolarização dos fluxos comunicacionais, configurando o sistema midiático vigente no Brasil contemporâneo.

Arquipélago cultural

O diagnóstico exhibe maior complexidade quando constatamos que o espaço geográfico brasileiro, por sua natureza continental e sua geografia descontínua e acidentada, inibiu durante vários séculos a interiorização dos fluxos comunicacionais. Estes privilegiavam a via marítima, principalmente em direção à Corte Portuguesa, mantendo incomunicadas as comunidades nacionais. Foi inevitável a germinação de padrões culturais diferenciados, de região para região, amalgamados tão somente pelo código linguístico imposto pelo colonizador, mas diferenciados pelos usos e costumes locais. Esse “arquipélago cultural” permaneceu praticamente imutável até o século XX, quando foram otimizadas as comunicações por via fluvial ou construídas as rodovias e as ferrovias e desenvolvidas as aerovias, removendo as barreiras que obstaculizavam a circulação de mercadorias ou de bens simbólicos. Por outro lado, é indispensável mencionar o obscurantismo cultural praticado pela Coroa Portuguesa durante todo o período colonial. Foi preservada até as vésperas da

independência nacional, no início do século XIX, a ausência de escolas, universidade, imprensa, bibliotecas, correio e outros aparatos culturais.

Tradição do impasse

Neste momento em que o País busca reforçar sua pujança democrática e altivez cultural, torna-se inadiável a formulação de políticas públicas de comunicação consentâneas com as demandas do Século XXI. Temos a expectativa de pavimentar a nossa passagem para a Sociedade do Conhecimento, extirpando a exclusão comunicacional a que estão condenados vastos contingentes da nossa população que passaram pela escola, mas não se converteram em leitores de jornais, revistas ou livros. Sedentos de leitura e famintos de cultura, esses bolsões marginais da sociedade de consumo protagonizam papéis de segunda ou terceira classe, sem exercer plenamente a cidadania. O advento da sociedade digital recoloca na ordem do dia aquela observação perspicaz feita, no apagar das luzes do século XIX, pelo intelectual paraense José Veríssimo: o Brasil cultiva a “tradição do impasse”. A nação tem consciência dos seus problemas fundamentais, vislumbrando os caminhos para solucioná-los, porém as elites que controlam o poder hesitam em dar-lhes tratamento adequado, optando por medidas paliativas que agravam a situação.

Nada melhor que o resgate dessa metáfora para entender o que ocorre na complexa estrutura comunicacional brasileira, onde dois sistemas coexistem paradoxalmente, interagindo no plano das trocas simbólicas, sem integrar-se na esfera das providências estratégicas.

O desafio do diálogo frente à polarização

O desafio da interação entre os dois subsistemas confere singularidade à geografia comunicacional brasileira. A natureza continental e a topografia acidentada do espaço brasileiro inibiram durante vários séculos a interiorização dos fluxos comunicacionais. Foi inevitável a constituição de culturas regionais, unificadas pelo mesmo código linguístico, mas diferenciadas pelos usos e costumes locais. O maior contingente da nossa sociedade era constituído por escravos negros, miseráveis e analfabetos. Sua libertação somente ocorreu no final do século XIX. Abandonados à própria sorte, os remanescentes da escravidão agravaram o êxodo rural, engrossando as comunidades marginais que deram origem às favelas hoje

espalhadas pelos cinturões metropolitanos. Nesses guetos, eles se comunicam de forma rudimentar. Valendo-se de “expressões Folkcomunicacionais”, enraizadas nas tradições étnicas, vão se adaptando às cidades. E defrontam-se empaticamente com as “expressões culturais” geradas pelos fluxos massivos (Rádio, Televisão, Internet, Cinema etc.). Esses dois Brasis se confrontam-se continuamente. A integração ou ao menos o diálogo entre esses dois sistemas constitui o maior desafio das vanguardas nacionais.

Esses dois Brasis se confrontam, interagem, precisam se complementar. As manifestações Folkcomunicacionais do Brasil tradicional recodificam e reinterpretam as expressões massivas do Brasil moderno. O fosso entre os dois fluxos se foi reduzindo lentamente, no correr do século XX, traduzindo a pouca apetência das elites brasileiras no sentido de eliminar as desigualdades sociais. A chegada dos imigrantes estrangeiros no início do século passado acelerou, por exemplo, a expansão da imprensa, cuja leitura era demandada pelas comunidades letradas oriundas da Europa. Assim, houve um incremento das oportunidades educacionais para os trabalhadores urbanos o que permitiu um aumento nas tiragens dos jornais e das revistas. A elevação do nível cultural das classes médias influenciou na melhoria dos conteúdos da televisão, como foi o caso das telenovelas. Mas enquanto perdurar o impasse institucional, sem alterar o quadro da exclusão social e da indigência educacional, os dois sistemas comunicacionais permanecem ativos, correspondendo às demandas culturais de audiências estanques ou segregadas.

O humano cultural

O século XXI emergiu sob o signo da globalização acelerada. Na esfera político-econômica, os encontros anuais de Davos e Porto Alegre ofereceram nítidas evidências desse processo mundializador. Agentes da economia internacionalizada e militantes políticos anti-globais explicitaram teses e antíteses. Trata-se, contudo, de eventos e performances que se esgotam no imaginário das elites. Frente a eles, as camadas populares agem como meros espectadores midiáticos. Sem apreender-lhes o sentido, os cidadãos comuns que habitam os subúrbios ou grotões das sociedades nacionais terminam por alijar da sua vida cotidiana a retórica dessas manifestações periódicas.

Há, contudo, uma outra dimensão do fenômeno, nem sempre perceptível a olho nu, mas que repercute intensamente nas conversações familiares, projeta-se nos grupos de

vizinhança e acaba sendo incorporada ao universo simbólico das comunidades periféricas. Trata-se do mosaico cultural que a mídia globalizada enseja diariamente, rompendo o isolamento social em que os contingentes empobrecidos ou segregados vivem.

Costumes, tradições, gestos e comportamentos de outros povos, próximos ou distantes, circulam amplamente na aldeia global. Da mesma forma, padrões culturais que pareciam sepultados na memória nacional, regional ou local ressuscitam profusamente, facilitando a interação entre gerações diferentes, permitindo o resgate de celebrações, ritos ou festas aparentemente condenados ao esquecimento.

Esse torvelinho cultural que antagoniza, compara, distingue e mescla símbolos de diferentes nações, regiões, cidades, bairros, povoados (COCHRANE, 1995) constitui a expressão contumaz daquela riqueza do folclore midiaticizado dimensionado com perspicácia na teoria Folkcomunicacional.

McLuhan e Beltrão

Há meio século, o folclore da sociedade industrial refletia a apropriação da “cultura popular” pela poderosa “cultura de massas”, processando símbolos e imagens enraizados nas tradições nacionais dos países hegemônicos e convertendo-os em mercadorias para o consumo das multidões planetárias (BAUSINGER, 1961).

Trata-se de sedimentação da "sociedade digital", de sequência histórica daquele episódio que Marshall McLuhan (1911-1980) havia explorado com argúcia e astúcia em seu livro de estreia *The Mechanical Bride* (1951) denominando-o “folclore do homem industrial”. McLuhan partia do pressuposto de que, na sociedade pré-industrial, o popular nem sempre teve papel decisivo na configuração do folclore. Tese semelhante àquela defendida pelos historiadores ingleses Hobsbawm e Ranger (1984) no sentido de que a invenção constituiu fator crucial no alicerce das tradições europeias. Da mesma maneira que parcelas da herança simbólica da aristocracia britânica foram fabricadas pelos historiadores oficiais, a mais genuína cultura popular ianque foi produzida por agentes da sociedade civil.

McLuhan cumpriu a tarefa de surpreendê-la no apogeu da sua apropriação pela mídia, ou seja, quando a indústria cultural catalisou os sentidos da sociedade norte-americana. Sua pesquisa tomou como referencial os anúncios publicitários e as peças de entretenimento (quadrinhos, cinema, televisão) difundidos pelos jornais diários e revistas periódicas. Estava

implícita nessa metodologia a ideia de que o “homem industrial”, vivendo nas periferias das megalópoles, inseria-se numa cultura de massa enraizada nas tradições populares.

Este é inegavelmente o “segredo” de todo o êxito alcançado pela indústria midiática dos Estados Unidos, alicerçando-se no arsenal simbólico das comunidades rurais edificadas pelos antigos colonizadores ingleses ou no legado cultural introduzido pelos contingentes de imigrantes. Estes formariam comunidades urbanas amalgamadas à forte cultura popular norte-americana, preservada pelo aparato estatal e ao mesmo tempo fortalecida pelas agências socializadoras, atuantes em todo o território nacional. Essa cultura popular massificava-se, criando elos interativos entre ianques primitivos e adventícios. Preparava-se o terreno para sua exportação a todo o planeta, consubstanciado em “aldeia global”.

Naquela conjuntura em que o filósofo canadense Marshall McLuhan (1911-1980) formulava hipóteses posteriormente transformadas em realidades inequívocas no norte das Américas, o jornalista brasileiro, professor e pesquisador comunicacional Luiz Beltrão (1918-1986) diagnosticava situação diametralmente inversa ao sul do Equador. O Brasil perfilava-se como uma sociedade marcada pela vigência de uma mídia elitista, ancorada nos valores da cultura erudita. Donde a necessidade de decodificação das suas mensagens para serem assimiladas pelas camadas populares da nossa sociedade. A este processo de tradução dos conteúdos midiáticos, feita pelos “meios populares de informação de fatos e expressão de ideias” Luiz Beltrão denominou **Folkcomunicação**.

Sua tese de doutorado foi dedicada a elucidar as estratégias e os mecanismos adotados pelos agentes Folkcomunicacionais no sentido de tornar inteligíveis fatos (informações), ideias (opiniões) e diversões (entretenimento). Em pesquisas posteriores Luiz Beltrão comprovou que a imprensa, o rádio, a televisão e o cinema difundem mensagens que não logram a compreensão de vastos continentes populacionais. Esses bolsões “culturalmente marginalizados” reagem de forma nem sempre ostensiva, robustecendo um sistema midiático alternativo. Constroem e acionam veículos artesanais ou canais rústicos, muitas vezes estabelecendo uma espécie de *feedback* em relação ao sistema hegemônico.

Por sua vez, o folclore midiaticizado, típico da sociedade pós-industrial, configura-se como mosaico de signos procedentes de diferentes geografias nacionais ou regionais, buscando projetar culturas seculares ou emergentes no novo mapa mundial. Por isso mesmo, os espaços ocupados pelas tradições populares na agenda midiática contemporânea

correspondem a iniciativas destinadas a preservar identidades culturais ameaçadas de extermínio ou estagnação, quando confinadas em territórios pretensamente inexpugnáveis. Mas também podem funcionar como alavancas para a renovação dos modos de agir, pensar e sentir de grupos ou nações empurrados conjuntamente para o isolamento mundial, permanecem refratários à incorporação de novidades.

Assim sendo, o folclore midiaticizado possui dupla face. Da mesma forma que assimila ideias e valores procedentes de outros países, preocupa-se também com a projeção das identidades nacionais, exportando conteúdos que explicitam as singularidades dos povos aspirantes a ocupar espaços abertos no panorama global. O caso brasileiro torna-se paradigmático. Nossa cultura nacional foi amalgamada pela conjunção de símbolos oriundos de povos multifacetados. O contingente lusitano trouxe-nos um legado híbrido de tradições euro-latinas, incorporando porém traços civilizatórios assimilados nos territórios africanos e asiáticos onde suas naves aportaram pioneiramente.

Essa matriz hegemônica incorporou traços inconfundíveis das civilizações ameríndias que habitavam o nosso litoral, nos tempos da colonização, mas que foram expulsas da faixa atlântica, sobrevivendo isoladamente na selva amazônica e outros focos bravios. A elas se juntaram os costumes e expressões das comunidades africanas, trazidas compulsoriamente nos navios negreiros para desempenhar funções produtivas nas plantações açucareiras, pecuária extensiva ou nos complexos auríferos. Dessa imbricação simbólica resultou uma pujante "cultura popular" responsável em grande parte pela natureza da identidade nacional brasileira, que se reproduziu heterogeneamente durante cinco séculos em todos os quadrantes da nossa geografia. Contudo, os traços explicitamente homogêneos da chamada "cultura brasileira" são aqueles herdados da "cultura erudita" euro-latina, disseminados sistematicamente pela rede escolar, igreja católica e outras instituições respaldadas pelo aparato estatal.

Trata-se de dualismo cultural que se foi alterando, no decorrer do século XX, pela penetração de padrões consentâneos com a fisionomia polifacética da emergente "cultura de massas", importada de matrizes inicialmente europeias e ultimamente das indústrias simbólicas norte-americanas. Essa corrente teve efeitos significativos na configuração do nosso perfil cultural contemporâneo, que deixa de refletir o "arquipélago cultural" outrora identificado por Manuel Diegues Jr. (1960), projetando aquela faceta que Renato Ortiz (1988)

rotulou apropriadamente como a "moderna tradição brasileira". Estamos, portanto, em pleno processo de transmutação da nossa identidade cultural, compelidos a continuar importando padrões oriundos das matrizes da indústria mundial de bens simbólicos, mas também participando desse mercado internacional potencializado pela cultura massiva.

A tribo dos “caçadores de milagres”

A "aldeia global" emplacada por Marshall McLuhan no imaginário midiático contemporâneo vem se mostrando território fértil para a formação de novas "tribos". Geralmente situadas em ambientes urbanos, essas comunidades se caracterizam pelo seu caráter "juvenil". Nas minhas andanças pelo mundo afora, tenho vislumbrado "tribos" emblemáticas da atual geração que povoa os *campi*. Anos atrás, descobri no México a "Geração McLuhan". Constituída por jovens pesquisadores da comunicação, sua meta tinha, em certo sentido, inspiração proustiana. Eles queriam recuperar, não o "tempo perdido", mas o "conhecimento sonogado". Pois acusavam seus mestres de haver "patrulado" o legado intelectual da escola canadense (Innis, McLuhan e discípulos), privilegiando outras vertentes paradigmáticas.

Também testemunhei aqui no Brasil, no Piauí, a formação de "tribo" semelhante. Trata-se da equipe autodenominada "Caçadores de Milagres", formada por estudantes dos cursos de comunicação do Centro Universitário de Teresina (CEUT-PI) cuja plataforma estriba-se na teoria Folkcomunicacional de Luiz Beltrão. Fascinados pelas ideias beltranianas, eles foram seduzidos intelectualmente pela professora doutora Jacqueline Lima Dourado. Atuando como "guru" acadêmica, Jacqueline mobilizou os que pretendiam inventariar criticamente aqueles focos difusores dos "milagres" piauienses. De acordo com o *Retrato das Religiões no Brasil* (2000) estudo feito pelo Centro de Políticas Sociais vinculado ao Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas, o Piauí destaca-se como o Estado mais católico da "maior nação católica do mundo", uma vez que 90% da população declara-se filiada ao catolicismo. Sendo também um dos mais empobrecidos contingentes da geografia nacional, é plausível que demonstrem preferência pelo catolicismo "rústico".

Durante a VIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação, organizada no campus do CEUT-PI, em 2005, os "Caçadores de Milagres" começaram a revelar quem, no Piauí, são os beneficiários do culto fervoroso dos marginalizados. A Virgem Maria permanece como

detentora de grande credibilidade, sobretudo naquela versão aculturada da Nossa Senhora Mãe dos Pobres do Piauí. Mas os "santos não canônicos" demonstram forte poder milagroso: o motorista Gregório, em Teresina; a finada Luzia Cortada, em Luzilândia; a finada Consolação, em Piri-piri; a noiva Alda, em Barras; a finada Auta Rosa, em Amarante; o homem do Carcará, em Oeiras. Da mesma forma que o dramaturgo Dias Gomes, através da sua peça "O Pagador de Promessas", celebrou, na Bahia, em meados do século passado, o culto sincrético a Iansã/Santa Bárbara, os "Caçadores de Milagres" desvendam, no século XXI, os cultos populares do Piauí como revelam os pesquisadores no livro organizado por MARQUES DE MELO, GOBBI, DOURADO: *FOLKCOM, do ex-voto a indústria dos milagres: a comunicação dos pagadores de promessas* (Teresina: Halley, 2006b).

A tribo dos "Caçadores de Milagres" deu sequência ao percurso desbravado por Beltrão, constatando a permanência dessa expressão Folkcomunicacional em plena era da Internet. Ao visitar os santuários periféricos, o pioneiro Luiz Beltrão construiu a hipótese do "ex-voto como veículo jornalístico" (1965), cuja demonstração empírica embasou a sua "teoria da Folkcomunicação" (1967).

O pioneirismo de Luiz Beltrão

Luiz Beltrão de Andrade Lima nasceu em Olinda (Pernambuco) no dia 8 de agosto de 1918, realizou seus estudos humanísticos no Seminário de Olinda e no Ginásio Pernambucano, graduou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da antiga Universidade do Recife, hoje Universidade Federal de Pernambuco e destacou-se no panorama intelectual brasileiro como uma figura paradigmática. Seu pioneirismo é multifacetado e essa característica é destacada pelos pesquisadores do III Ciclo de Estudos sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação (CELACOM 1999), através das contribuições de

Maria Luiz Nóbrega "ICINFORM: uma experiência pioneira"; Maria das Graças Targino "A contribuição do Instituto de Ciências da Informação (ICINFORM) na gênese do pensamento comunicacional brasileiro"; Rosa Maria Nava "Comunicações & Problemas: o primeiro periódico de estudos e pesquisas da Comunicação do Brasil"; Samantha Viana Castelo Branco Rocha Carvalho "Luiz Beltrão: da criação do ICINFORM à teoria da Folkcomunicação"; Tereza Halliday e Roberto Benjamin "Pernambuco falando para o mundo: contribuição da Unicap e do ICINFORM para as Ciências da Comunicação" (MARQUES DE MELO e GOBBI, 2000, p. 155-217).

No início da década 1960, Beltrão fundou o primeiro centro nacional de pesquisas acadêmicas sobre comunicação, o Instituto de Ciências da Informação (ICINFORM), na Universidade Católica de Pernambuco, em Recife. Criou ainda a primeira revista científica brasileira dedicada a temas comunicacionais *Comunicações & Problemas*, também na cidade de Recife, em 1965. Tornou-se, finalmente, o primeiro Doutor em Comunicação diplomado por uma universidade brasileira, ao defender na Universidade de Brasília, em 1967, a tese ***Folkcomunicação, um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias.***

Essa tese doutoral representa em sua biografia, uma espécie de odisseia envolvendo uma série de complicações, peripécias ou ocorrências singulares, variadas e inesperadas e só foi publicada na íntegra em 2001, por iniciativa do professor doutor Antonio Carlos Hohlfeldt da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), através da coleção *Comunicação*, pela Editora da PUC-RS (Porto Alegre/RS), com o título original *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias*. A iniciativa do professor Hohlfeldt fortaleceu o resgate acadêmico de Luiz Beltrão, pois ele não somente patrocinou a publicação em livro da histórica obra Beltraniana, como também avalizou a contribuição de Beltrão para a pesquisa comunicacional, escrevendo ensaios temáticos e apreciações críticas.

Hohlfeldt tem sido interlocutor assíduo dos pesquisadores da Rede FOLKCOM, que desde 1998 se reúnem em congressos anuais destinados a socializar e redimensionar as novas pesquisas sobre os fenômenos da comunicação popular tradicional. O papel estimulador do professor Hohlfeldt foi publicamente reconhecido pelas lideranças da Rede FOLKCOM atribuindo o nome de Antonio Hohlfeldt à primeira edição do concurso nacional de iniciação científica na área. O evento realizado na cidade de Lajeado (RS), em maio de 2004, contou com a presença do patrono e foi ancorado nos fluxos da Folkcomunicação política.

As ligações acadêmicas de Luiz Beltrão com a instituição gaúcha (PUC-RS) datam dos anos de 1970 e 1980 quando Beltrão colaborou como professor visitante em diversas oportunidades, experiência registrada nos livros *Jornalismo Interpretativo* (1976) e *Jornalismo Opinativo* (1980), publicados em Porto Alegre pela Editora Sulina, integrando a Estante de Comunicação Social, editada em convênio com a Associação Rio-grandense de Imprensa (ARI)

e dirigida pelo então diretor da Faculdade dos Meios de Comunicação Social (FAMECOS), Antonio Firmo de Oliveira Gonzalez.

A tese defendida por Luiz Beltrão

A tese defendida por Luiz Beltrão constitui um desdobramento da hipótese *two step flow of communication* construída por Katz e Lazarsfeld (1955) para refutar a ideia dominante da onipotência midiática. As evidências empíricas coletadas nos Estados Unidos permitem concluir que a mídia consegue mobilizar a atenção coletiva dos usuários, mas seus efeitos são mediados por líderes de opinião que filtram as mensagens seguindo os padrões consensuados nos grupos primários. No caso brasileiro, Luiz Beltrão verificou que o papel das lideranças grupais é exercido, no campo, nas cidades do interior ou nas periferias metropolitanas por agentes Folkcomunicacionais. Esses recodificam as mensagens midiáticas, reinterpretando-as de acordo com os valores comunitários.

A banca examinadora designada pela Universidade de Brasília para avaliar a tese compunha-se de três eminentes pesquisadores: o comunicólogo espanhol Juan Beneyto Pérez (1907-1994), o midiólogo norte-americano Hod Horton e o sociólogo brasileiro Roberto Lyra Filho (1926-1986). Eles se manifestaram favoravelmente à aprovação do trabalho e recomendaram a concessão do título de doutor ao candidato Luiz Beltrão.

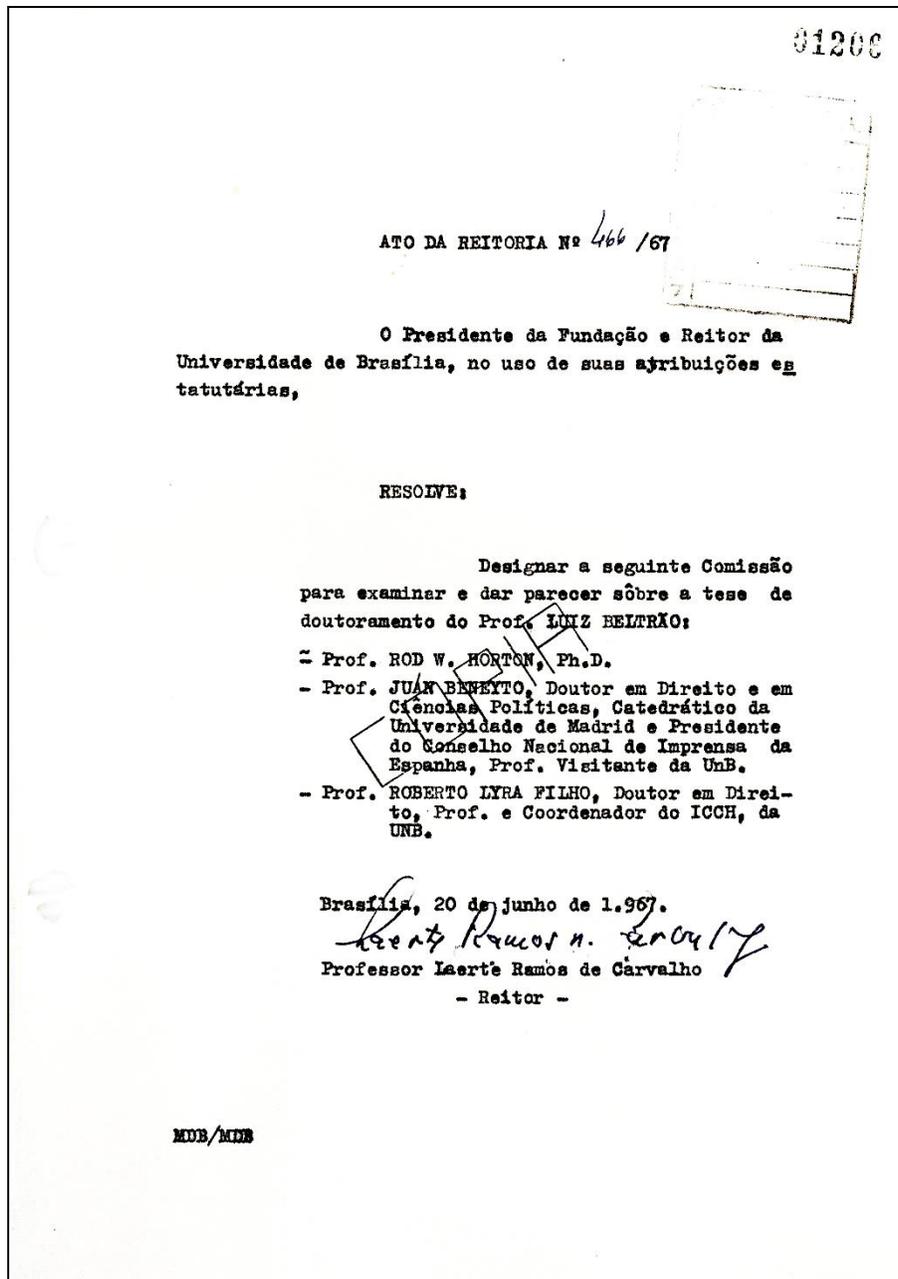


Figura 1: Ato Reitoria UnB designa Banca para Defesa da Tese de Luiz Beltrão

Até aquele momento, a trajetória intelectual de Luiz Beltrão tinha sido um "mar de rosas". Ao ingressar na vida universitária, ele possuía notório saber no campo jornalístico, o que o eximia, segundo as regras vigentes, de disputar títulos acadêmicos. Tanto assim que fora reconhecido como Catedrático pelo Centro Internacional de Estudos Superiores de Jornalismo para a América Latina (CIESPAL), mantido pela UNESCO em Quito, Equador, onde assumira, em 1963, a regência da cadeira de "Pedagogia do Jornalismo", experiência relatada

no livro *Métodos en la enseñanza de la técnica del periodismo* (Quito: Ciespal, 1963). Sua aproximação ao CIESPAL e às ideias comunicacionais ali difundidas por cientistas europeus e norte-americanos influenciam a criação, em 1963, do primeiro centro brasileiro de estudos acadêmicos sobre os fenômenos midiáticos. Trata-se do Instituto de Ciências da Informação (ICINFORM), mantido mediante convênio com a Universidade Católica de Pernambuco. Esse núcleo foi responsável pela formação da primeira equipe de pesquisadores dedicados sistematicamente aos fenômenos comunicacionais no Brasil e pelo lançamento da primeira revista científica da área, *Comunicações & Problemas*, publicada a partir de 1965, tomando como modelo sua congênera norte-americana *Journalism Quartely*.

Na Universidade Católica de Pernambuco, Beltrão já ocupava desde 1961 a cátedra de “Técnica de Jornal e Periódico”, experiência didática também sistematizada e publicada no livro *A Imprensa Informativa* (SP: Folco Masucci, 1969). Na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) Beltrão também implantou e coordenou o curso de Jornalismo, na gestão do reitor Padre Aloísio Mosca de Carvalho (1913-1982).

Convocado, em 1965, pelo presidente Castelo Branco, através do seu assessor de imprensa, José Vamberto, para dirigir a Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), no lastro da crise ali desencadeada no início do regime militar, Beltrão quis valorizar a proposta do idealizador daquela universidade, o antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro (1922-1997). Nesse sentido, vale registrar a ousadia de Darcy Ribeiro que, ao criar a UnB, institucionalizou a titulação doutoral em todas as áreas do conhecimento e não apenas naquelas disciplinas já legitimadas academicamente. Ele queria que todos os docentes amadurecidos se engajassem em programas de doutorado e os docentes jovens em programas de mestrado, no sentido de fortalecer a pesquisa, estimulando a produção de novos conhecimentos. Foi através dessa inovação que Luiz Beltrão, não obstante tivesse o status de professor titular, deu um exemplo de humildade intelectual aos seus discípulos e colaboradores, submetendo-se a um exame de mérito para ostentar legalmente uma condição acadêmica que já desfrutava por competência.

Naquele mesmo ano, a Universidade de São Paulo (USP) abria inscrições na recém criada Escola de Comunicações Culturais para o Doutorado por Defesa de Tese (de acordo com o sistema europeu então vigente nas universidades brasileiras). Essa leva de doutores paulistas somente completaria o doutorado em 1973, tendo os títulos outorgados nas

disciplinas que integravam o elenco curricular dos cursos ali ministrados (Jornalismo, Relações Públicas, Rádio e Televisão, Cinema, Teoria da Comunicação). Coube-lhes naturalmente robustecer o curso de Mestrado em Ciências da Comunicação que fora criado no ano anterior, naquela instituição, contando exclusivamente com doutores oriundos de outras áreas do conhecimento.

As regras do doutorado seguiam, naquela conjuntura, o modelo europeu, caracterizado pela realização de uma pesquisa original, finalmente submetida ao julgamento de uma banca examinadora. Tratava-se de uma avaliação de mérito, sem a interveniência de fatores políticos. Contudo, a turbulência que abalou os alicerces da UnB após o golpe militar de 1964 acabaria por radicalizar a convivência dentro do campus, politizando todas as suas atividades. Quando o professor Luiz Beltrão se apresentou para a defesa da tese de doutorado perante a banca examinadora constituída pela reitoria da UnB, a Faculdade de Comunicação encontrava-se conflagrada culminando com sua demissão do cargo executivo para o qual fora convidado pela administração anterior.

A passagem sobre esse momento da vida de Beltrão está no livro *Itinerário de Luiz Beltrão* (Recife: AIP/UNICAP, 1998) de autoria do professor e pesquisador Folkcomunicacional, Roberto Emerson Câmara Benjamin (1943-2013) que reuniu dados e testemunhos que confirmam o pioneirismo acadêmico de Luiz Beltrão, bem como sua atuação como jornalista à frente de seu tempo e suas incursões singulares na vida literária.

Após o julgamento, cada examinador emitiu seu parecer, sendo que os dois estrangeiros protocolaram imediatamente o boletim de aprovação. O sociólogo Juan Beneyto Pérez (1907-1994), Catedrático da Universidade de Madrid, recomendou que fosse concedida a máxima distinção ao candidato:

A juicio del abajo firmante, el estudio que se dictamina muestra desde luego valor científico sobrado para aspirar la máxima calificación que el procedimiento académico autoriza, por lo que estima que es obra merecedora de Distinción com Honor (BENEYTO *apud* BENJAMIN, 1998, p. 310-311).

Por sua vez, o diplomata Hod Horton, Catedrático da Universidade de Denver, Colorado, Estados Unidos, emitiu o seguinte ponto de vista: “Obra de alta categoria, plenamente documentada, bem dirigida, escrita com o maior apuro literário e, por sua

inteireza, consagrando o autor como um pesquisador sério.” Ninguém duvidava da lisura do processo.

Aprovado pela banca examinadora, o candidato fazia jus ao grau correspondente. Mas o então reitor Laerte Ramos de Carvalho (1922-1972), que demitira Luiz Beltrão do cargo executivo, quis prejudicar o novo doutor, dificultando a outorga do título conquistado com brilhantismo. Para tanto, convenceu o membro brasileiro da banca, integrante do corpo docente da UnB, no sentido de retardar a entrega do boletim de avaliação. A ausência desse documento foi usada como justificativa para impedir a outorga do diploma correspondente. Tudo isso, apesar do processo ter incorporado os pareceres dos dois outros examinadores, evidenciando a aprovação do candidato pela maioria dos seus membros titulares.

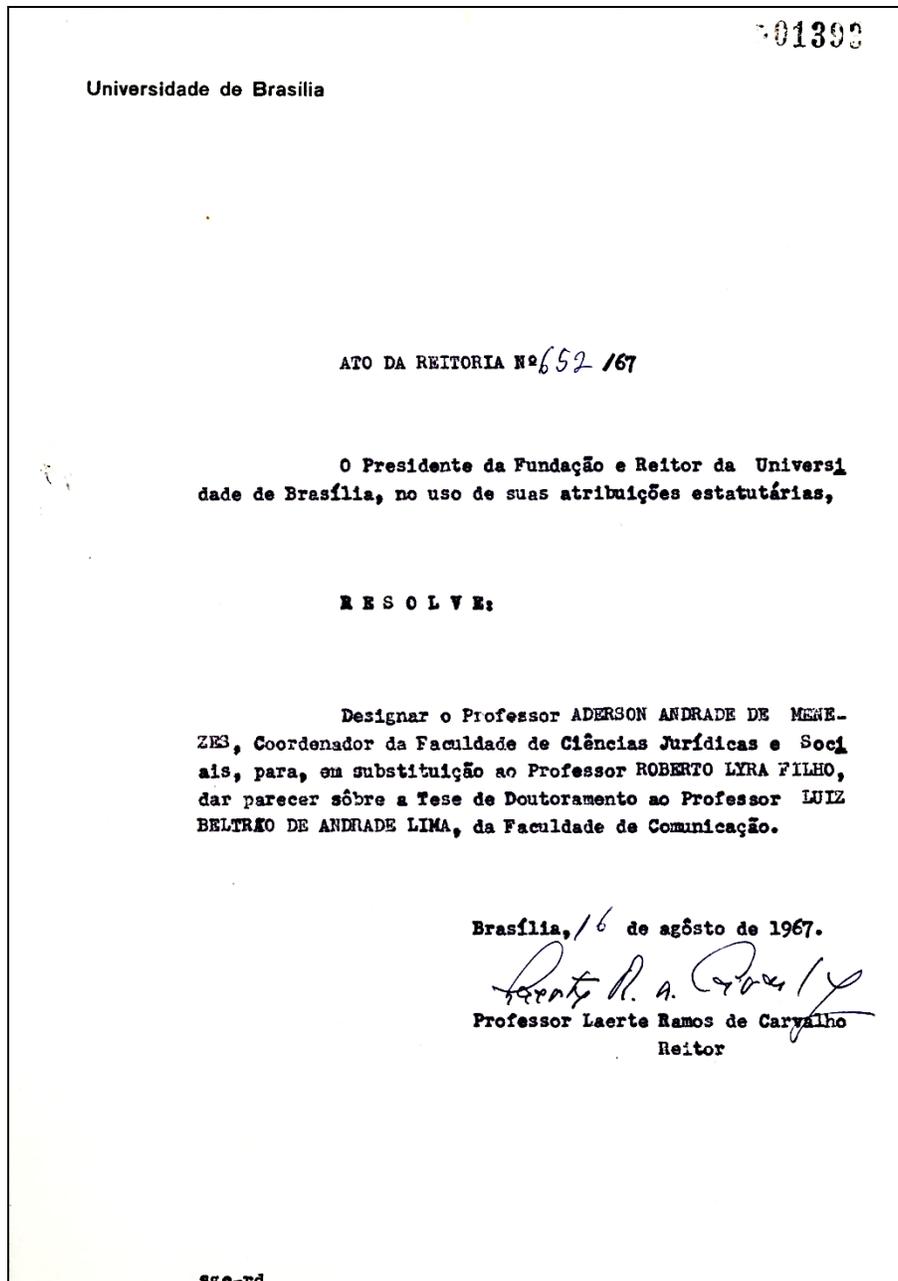


Figura 2: Cópia do Ato da Reitoria da UnB substitui membro da Banca de Defesa de Luiz Beltrão

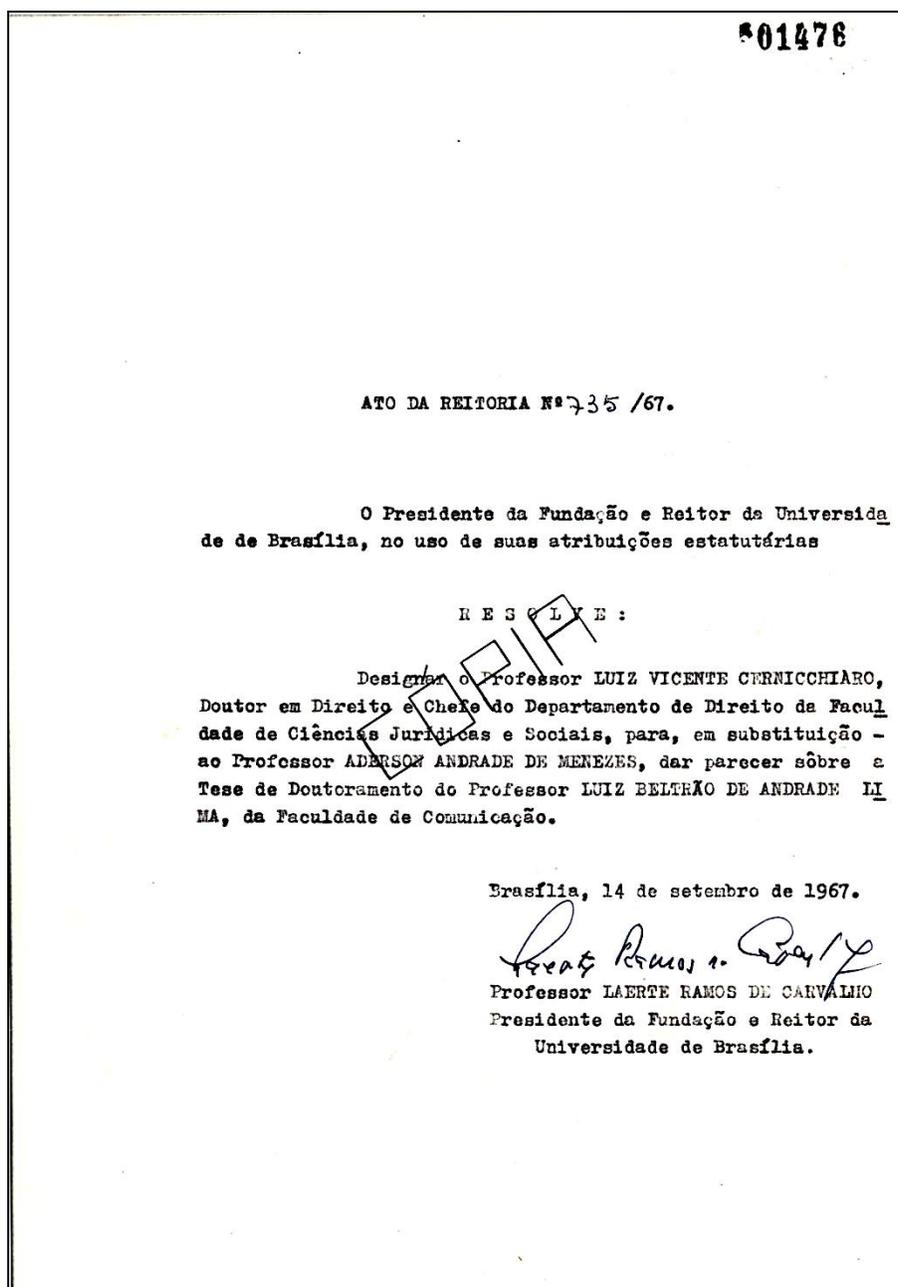


Figura 3: Cópia do Ato da Reitoria da UnB substitui (2ª vez) membro da Banca de Defesa de Luiz Beltrão

Estávamos em pleno governo Costa e Silva (de 1967 a 1969), quando o regime militar endureceu, culminando com o golpe dentro do golpe engendrado pelo Ato Institucional nº 5. A aparência de normalidade jurídica, perseguida inicialmente pelo governo Castelo Branco, ficaria totalmente prejudicada. Por isso, a concessão do título a Beltrão só se efetivaria

através de demanda administrativa instaurada formalmente, muito tempo depois da defesa da tese³. O Calvário de Luiz Beltrão não terminou aí.

A tese de Beltrão repercutiu intensamente na comunidade acadêmica nacional e internacional, sendo considerada a mais original das contribuições brasileiras à teoria da comunicação. Umberto Eco (1932-2016), por exemplo, dedica-lhe simpático comentário no jornal *L'Espresso de Milão* (30 out. 1966). Porém, ela encontrou barreiras para a publicação integral. A Editora Melhoramentos mostrou-se interessada pela edição, submetendo-a ao crivo do professor Lourenço Filho (1897-1970), consultor para a área de humanidades. Apesar da emissão de um parecer favorável, Lourenço argumentou sobre a inconveniência política de se publicar o capítulo teórico, naquela conjuntura repressiva. Depreende-se que ele discordava da ancoragem do autor nas premissas "subversivas" de Edson Carneiro (1912-1972). Temia-se represália do sistema autoritário, por se tratar de literatura posta em quarentena pelos novos "donos do poder" (MARQUES DE MELO, 1981, p. 79-84). Não restou outra alternativa a Luiz Beltrão senão aceitar a mutilação da sua obra. Ela circulou sob o título *Comunicação e Folclore* (SP: Melhoramentos, 1971), respaldada por uma irônica apresentação de Alceu Maynard Araújo (1913-1974), membro da Academia Paulista de Letras:

Enquanto os 'folcloristas' (entre aspas) ficam participando de reuniões e conclaves para definir o que já está definido, para projetar só no papel, ou para relatar o que foi visto numa demonstração pelos sábios de palanque, vem esse jornalista [...] com um trabalho esplêndido sobre o que há de mais moderno, que é a velha comunicação. Sou um estudioso de nosso folclore e confesso que aprendi muito com esse ensaio. Vale a pena comunicarmo-nos com a nossa realidade folclórica através da obra de Luiz Beltrão (MAYNARD ARAÚJO, 1971, *Apresentação*).

Embora censurado e impedido de fazer jus ao título de doutor, o patrono da Folkcomunicação não se intimidaria, continuando suas pesquisas. Ele assimilou positivamente algumas das críticas que lhe foram dirigidas, inclusive aquela sobre o reducionismo jornalístico da sua teoria. Mais tarde, ele iria reconhecer esta lacuna:

Aconteceu que eu vi que a função da Comunicação não estava tão somente em informar ou orientar, estava também em educar, havia uma função promocional. Então eu comecei a aprofundar esses estudos e o resultado é que

³ Ver meu depoimento, como testemunha ocular desse e de outros acontecimentos da época. MARQUES DE MELO, José. Nos tempos da gloriosa. In: **Revista Brasileira de Comunicação**. SP: Intercom, v. 20, nº 2, 1997. (p. 13-28).

o conceito de Folkcomunicação foi ampliado para não dar somente a ideia de que o povo utiliza a Folkcomunicação para trocar notícias, mas sim para se educar. Dizer o que ele quer dizer, se promover e entreter-se também, divertir-se do mesmo modo que nós usamos o sistema estabelecido, o que chamei de comunicação social para uma diferenciação da comunicação folclórica (BELTRÃO, 1987, p. 13-14).

Ao publicar o livro *Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados* (SP: Cortez, 1980), Beltrão não apenas resgata suas raízes teóricas explicitando as ideias seminais em que se fundamenta, mas formula um modelo para descrever o sistema de Folkcomunicação. Isso lhe permite construir com maior segurança o conceito dessa nova disciplina:

A Folkcomunicação é por natureza e estrutura, um processo artesanal e horizontal, semelhante em essência aos tipos de comunicação interpessoal já que suas mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência, por sua vez conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador, ainda que dispersa (BELTRÃO, 1980, p. 28).

Embora consolidados em 1967, os dados e as reflexões coligidos por Luiz Beltrão para sua tese de doutorado, na verdade, começaram a germinar bem antes. Eles são contemporâneos da sua iniciação no terreno jornalístico. A temática privilegiada na tese é a mesma que ele escolheu para a primeira reportagem. Difundida no Diário de Pernambuco, em 18 de Dezembro de 1936, como relata Benjamin (1998, p.59) essa matéria tratava de "devoções e romarias, à Igreja do Monte, em Olinda, ao tempo habitada por um velho monge beneditino".

A paixão pela cultura popular

O nome Luiz Beltrão está associado à Folkcomunicação, disciplina que integra o universo das Ciências da Comunicação. Essa associação entre a palavra e o seu criador deu-se naturalmente quando ela foi dicionarizada. A incorporação ao léxico midiático fez-se por iniciativa do professor Mário Erbolato no *Dicionário de Propaganda e Jornalismo* (Campinas: Papyrus, 1985), tendo sido depois adotada pelos estudiosos do folclore quando Mário Souto Maior publica o *Dicionário de Folcloristas Brasileiros* (Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1999) e escreve o verbete **Luiz Beltrão** identificando-o como personagem polivalente: "romancista, contista, jornalista, advogado, professor, folclorista" (p.116).

BELTRÃO: Jornalista e professor de comunicação. [...] O termo Folkcomunicação, por ele criado, delimita a vasta área à qual dedicou grande parte de suas pesquisas. Designa o "conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore" (RABAÇA e BARBOSA, 1987, p. 611).

FOLKCOMUNICAÇÃO: Em termos gerais, pode-se dizer que Folkcomunicação é comunicação em nível popular. Por popular deve-se entender tudo o que se refere ao povo, aquele que não se utiliza dos meios formais de comunicação. Mais precisamente: Folkcomunicação é a comunicação através do folclore. [...] A origem do termo Folkcomunicação se deu em 1967, com a tese de doutorado do professor Luiz Beltrão (LUYTEN, 1983, p. 32-34).

A paixão pela cultura popular, o interesse pelas classes trabalhadoras, a sensibilidade para entender o cotidiano das ninhadas empobrecidas da sociedade, tudo isso Luiz Beltrão herdou do pai, o dentista Dr. Andrade:

Dr. Andrade (meu pai) era, por natureza, um participante. [...] Em Olinda, tomava posição em todas as iniciativas e campanhas que tinham em mira levar benefícios à população. Orador fluente, a sua palavra, a serviço das boas causas olindenses, estimulava a ação construtiva da audiência (BELTRÃO, 1996, p. 81-82).

Inspirou-se também na doutrina social da Igreja Católica: “minha formação cultural teve início efetivamente no Seminário de Olinda. Ali principiei a estudar e a escrever” (BELTRÃO, 1987, p. 6), bafejada pelos ensinamentos de Leão XIII, o papa que sutilmente dialogou com as teses revolucionárias de Karl Marx. Mas também foi influenciado pelo ambiente socialista que impregnava, desde os tempos de Tobias Barreto, as lideranças forjadas na tradicional Faculdade de Direito do Recife onde o aprendizado transcendia da sala de aula e dos professores para a convivência social. “A Faculdade de Direito do Recife, para mim, eram os corredores” (BELTRÃO, 1987, p. 6).

Ali e alhures, Beltrão travaria colóquios enriquecedores, sem necessariamente comprometer-se, com os ideais marxistas propugnados por Francisco Julião, Paulo Cavalcanti, Clodomir Bezerra, Abelardo da Hora, entre outros companheiros de geração. Por isso mesmo, ele fazia questão de deixar claro seu distanciamento em relação à luta de classes.

Às vezes me vem a ideia de que a pessoa pode confundir a Folkcomunicação com uma comunicação classista. Mas ela não é exatamente uma comunicação classista. [...] Eu estudei alguns grupos que utilizam a Folkcomunicação, isto é, meios não formais de comunicação ligados direta ou indiretamente ao folclore.

Então eu vi que alguns desses grupos têm a capacidade de integração na sociedade, apenas não concordam com essa sociedade. Os grupos a que me refiro são os culturalmente marginalizados, contestam a cultura dominante. Eles contestam, por exemplo, as crenças dominantes na sociedade e as religiões estabelecidas. O grupo erótico-pornográfico não aceita, por exemplo, a moral dominante (BELTRÃO, 1987, p. 5-15).

Na verdade, sua fundamentação insere-se naquela concepção sociopsicológica e transclassista que Gilberto Freyre (1900-1987) sagazmente denominaria "ânimo folclórico", entronizando-a como variável essencial à compreensão do comportamento cultural dos brasileiros (FREYRE, 1978, p. 135-145). Tal filiação teórica fica subentendida em vários trechos desta obra, especialmente naqueles em que analisa o sentido contestatório inerente às peças produzidas pelos artesãos do barro ou à crítica social implícita nos folguedos populares. Não é sem justificativa que Beltrão convidaria Gilberto Freyre para ser um dos principais conferencistas do I Curso Nacional de Ciências da Informação, promovido no período de 16 de janeiro a 4 de março de 1964, no Recife, uma das primeiras iniciativas do recém-fundado ICINFORM. Naquele momento, as preocupações Folkcomunicacionais de Beltrão ainda não haviam ultrapassado as fronteiras da observação jornalística. Tanto assim que o programa daquele evento acadêmico incluía vários "trabalhos de campo", entre eles "participação e assistência a [...] festas folclóricas e carnavalescas ocorridas no período de duração do Curso" (BENJAMIN, 1998, p.73). Contudo, ele destaca o impacto que lhe causaria a leitura do livro de Edson Carneiro *A Dinâmica do Folclore* (RJ: Civilização Brasileira, 1965), despontando no cenário nacional como uma espécie de "obra maldita". Ela desagradava os folcloristas ortodoxos, que a consideravam avançada, esquerdizante. Mas também não entusiasma os cientistas sociais, encastelados nas cátedras universitárias, que avaliam o folclore como um objeto menor, um sinal da alienação das classes subalternas.

Essa contenda entre folcloristas e cientistas sociais está bem documentada no livro póstumo de Luís Rodolfo Vilhena (1963-1997) *Projeto e Missão: o movimento folclórico brasileiro: 1947-1964* (RJ: Funarte, 1997). De certo modo, a questão fora resgatada, numa perspectiva internacional, pelo livro de Renato Ortiz *Cultura Popular: românticos e folcloristas* (SP: Olho d'Água, 1992). Vivendo na província, alheio às querelas acadêmicas que animavam os principais centros culturais do país (Rio de Janeiro/São Paulo), Luiz Beltrão supervaloriza a contribuição daquele folclorista de vanguarda.

Edson Carneiro foi o único homem que percebeu que o folclore não era estático, o folclore não era uma coisa parada no tempo, mas uma coisa dinâmica. [...] Este livro teve uma grande influência sobre mim, pois verifiquei que qualquer manifestação popular estava ligada ao povo, porque o povo não tinha meios, ele utilizava esses meios que lhe davam (BELTRÃO, 1987, p. 6).

Beltrão sente-se estimulado a fazer a primeira incursão investigativa fora do campo especificamente jornalístico. Seu ensaio *Iniciação à Filosofia do jornalismo* (RJ: Agir, 1960), bem recebido pela crítica nacional e internacional (LEAL, 1998, p.73) credencia-o a voos academicamente mais ousados.

Na primeira edição da revista *Comunicações & Problemas* (Recife: ICINFORM, 1965, p. 9-15) publica um ensaio monográfico *O ex-voto como veículo jornalístico*, obra que revela:

- a) o apoio teórico em Gilberto Freyre. Apesar de não citar expressamente nenhuma obra do Mestre de Apipucos, Beltrão deixa transparecer o conhecimento da trilogia sobre a sociedade brasileira: *Casa Grande & Senzala, Sobrados e Mocambos, Ordem e Progresso*, onde os elementos da cultura popular estão valorizados enquanto processos comunicacionais típicos (sátira, crítica, caricatura etc.);
- b) e metodológico nos folcloristas paulistanos: Alceu Maynard de Araújo (autor de *Folclore Nacional*, em três volumes pela Melhoramentos, 1964) e Luiz Sayer (*Escultura Popular Brasileira* pela Gazeta, 1944).

E assim Luiz Beltrão formula a sua embrionária teoria da Folkcomunicação:

Não é somente pelos meios ortodoxos – a imprensa, o rádio, a televisão, o cinema, a arte erudita e a ciência acadêmica – que, em países como o nosso, de elevado índice de analfabetos e incultos, ou em determinadas circunstâncias sociais e políticas, mesmo nas nações de maior desenvolvimento cultural, não é somente por tais meios e veículos que a massa se comunica e a opinião se manifesta. Um dos grandes canais de comunicação coletiva é, sem dúvida, o folclore. Das conversas de boca de noite, nas cidades interioranas, na farmácia ou na barbearia; da troca de impressões provocada pelas notícias trazidas pelo chofer de caminhão, pelo representante comercial ou pelo bicheiro; ou ainda, pelos versos do poeta distante, impressos no folheto que se compra na feira, e pelos martelos do cantador ambulante; pelos inflamados artigos do jornalista matuto ou pelas severas admoestações dos missionários; do raciocínio do homem solitário no seu trabalho na floresta, na caatinga ou na coxilha – é que surgem, vão tomando forma, cristalizando-se as ideias-motrizes, capazes de em dado instante e sob certo estímulo, levar aquela massa aparentemente dissociada e apática a uma ação uniforme e eficaz (BELTRÃO, 1965, p. 9-15).

Seu manifesto Folkcomunicacional encontra boa receptividade. Luiz Beltrão recebe cartas entusiásticas de dois eminentes representantes das comunidades nacionais do jornalismo e do folclore. O então secretário-geral da Associação Brasileira de Imprensa (ABI),

Fernando Segismundo (1965, p. 136) acena genericamente: "O artigo – O ex-voto como veículo jornalístico é um dos mais curiosos". Entretanto, o patriarca do folclore brasileiro, Luís da Câmara Cascudo (1898-1986), pronuncia-se de modo mais enfático, preciso, desafiador:

O seu artigo-de-abertura [...] é um magnífico *master plan*. Valorizará o cotidiano, o vulgar, o realmente popular de feição, origem e função. Não se espera que venha um nome de fora, um livro de longe, ensinando a amar o que temos ao alcance dos olhos. Teime, como está fazendo, em valorizar o Homem do Brasil em sua normalidade. [...] Acima de tudo, veja com seus olhos. Ande com seus pés. Depois compare com as conclusões de outros olhos e com as pegadas de outros pés (CÂMARA CASCUDO, 1965, p.135).

Esse incentivo foi decisivo. Tanto assim que Luiz Beltrão sistematizou e ordenou suas observações sobre as manifestações da comunicação popular nordestina, ancorando-as nas teorias do *folk-lore* e confrontando-as com os paradigmas da *mass-communication*. Dois anos depois resgatou as evidências empíricas e interpretou-as segundo as teorias da comunicação de massa e da cultura popular, enfeixando-as na tese de doutoramento que inscreveu na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília.

Entusiasmado, ele continuou as observações a respeito de outros fenômenos da comunicação tradicional. "Eu ainda estava impressionado com a informação puramente. Aí eu chamei isso de Folkcomunicação jornalística" (BELTRÃO, 1987, p. 13). Esse trabalho embasaria empiricamente a tese que lhe deu o título de primeiro doutor em Comunicação do Brasil. O volume compõe-se de três partes. Na primeira, concisa, ele apresenta seus fundamentos teóricos e metodológicos, esboçando a teoria da Folkcomunicação. A segunda é constituída por dois segmentos: um documental, historicizando a comunicação brasileira, do período pré-cabralino ao domínio colonial português; outro empírico, inventariando as manifestações Folkcomunicacionais do Brasil contemporâneo. A terceira contém as conclusões, a bibliografia consultada e um breve *curriculum vitae* do pesquisador.

Uma marca registrada de Luiz Beltrão é a da resistência. E a Folkcomunicação de Luiz Beltrão encontrou dupla resistência. Por um lado, sofreu o expurgo dos folcloristas "conservadores", que pretendiam "defender" a "pureza" da cultura popular frente às investidas midiáticas modernizantes. Por outro lado, enfrentou a desqualificação dos comunicólogos "progressistas", que pretendiam fazer da cultura popular o cavalo de Tróia das suas batalhas políticas, em lugar de apreender, nessas manifestações genuínas, como ensinou

Gramsci, o limite da resistência possível de comunidades empobrecidas, cuja meta é a superação da marginalidade social. Esse patrulhamento exercido pelas vanguardas intelectuais fica evidente nas entrelinhas da obra.

O patrulhamento

As vanguardas intelectuais teimavam em menosprezar os estudos sobre a cultura popular autêntica, ou seja, não engajada, sobrevalorizando aquelas manifestações artificialmente politizadas, correntes em alguns sindicatos, partidos ou igrejas.

Na parte final da tese o pesquisador apresenta as amostras dos protocolos de pesquisa e as evidências factuais que foram coletadas durante a investigação. São estudos monográficos sobre ex-votos, almanaques de cordel, volantes, confissões. Seu valor paradigmático pode encorajar os jovens pesquisadores da Folkcomunicação a percorrer os mesmos caminhos do mestre ou transpor suas estratégias metodológicas para objetos semelhantes em outros cenários culturais. A intenção fundamental da obra foi propiciar aos midiólogos do novo século o acesso a ideias, conceitos, teorias e metodologias construídos por um dos mais profícuos cientistas brasileiros da comunicação.

Trata-se de um arsenal acadêmico que ficou de certo modo encoberto, para não dizer marginalizado, numa conjuntura marcada pela crença quase cega na obsolescência e morte das tradições populares, que se acreditava seriam sepultadas pelas correntes culturais pós-modernas e semieruditas. Mas a História tem suas armadilhas imprevisíveis.

Ao contrário das suposições modernas, na verdade estribadas em sentimentos profundamente elitistas, o que observamos hoje é justamente um movimento em sentido contrário. A globalização permite vislumbrar o cenário de um mundo polifacético e multicultural. Mas sugere que qualquer inserção proativa no seu universo depende basicamente do capital simbólico acumulado nas mega, macro ou microrregiões (MARQUES DE MELO, 2006a), potencialmente convertíveis em imagens e sons capazes de sensibilizar a aldeia global. Vale dizer, ancorados em dimensão universalizante.

Em outras palavras, enraizados na cultura popular, mas traduzidos para a linguagem da cultura de massa. Daí a atualidade do pensamento comunicacional de Luiz Beltrão, que pensou na era de McLuhan sobre as interações entre a aldeia **local** e a aldeia **global**. Ao construir um referencial teórico consistente lançou pontes entre a Folkmídia e a *mass media*.

Beltrão reconheceu o universal que subsiste na produção simbólica dos grupos populares, percebendo ao mesmo tempo que os dois sistemas comunicacionais continuarão se articular numa espécie de *feedback* dialético, contínuo, criativo.

A maturidade intelectual

Paralelamente à produção científica sobre os fenômenos sociais da comunicação e do jornalismo, Luiz Beltrão dedicou-se à literatura, escrevendo contos, novelas e romances. Seu primeiro livro literário foi o romance *Os senhores do mundo* (Recife, 1950). Depois, surgiram *Quilômetro Zero* (Recife, 1958), *A serpente no atalho* (Brasília, 1974), *A greve dos desempregados* (São Paulo, 1984). Sua última fase intelectual foi marcada pelo memorialismo, dela resultando dois livros póstumos: *Contos de Olanda* (Recife, 1989) e *Memórias de Olinda* (Recife, FIAM, 1996). A consagração dessa atividade como ficcionista ocorre com a sua eleição para a Academia Brasileira de Letras. Ela conquista nova dimensão com a sua redescoberta pelo professor, pesquisador e escritor gaúcho Antonio Hohlfeldt, autor do ensaio *Luiz Beltrão, do jornalismo à literatura*, publicado pela Revista Brasileira de Ciências da Comunicação (INTERCOM, 2003). A propósito da sua faceta literária, Hohlfeldt diz enfaticamente:

Para quem leia o conjunto de seis livros de ficção de Luiz Beltrão, editados entre 1950 e 1989, uma constatação salta logo aos olhos: excetuando-se os dois livros de contos, que apresentam excelentes trabalhos e alguns menos inspirados, os romances e novelas evidenciam um amadurecimento literário que se traduz tanto na escolha dos temas quanto na linguagem com que aborda cada um deles (HOHLFELDT, 2003, s/p.).

A obra de estreia de Beltrão no cenário intelectual brasileiro *Iniciação à filosofia do jornalismo* (1960) integra a coleção “Clássicos do Jornalismo Brasileiro”, publicada pela Editora da Universidade de São Paulo. Ele ganhou, portanto, lugar de realce na galeria jornalística composta pelo seu conterrâneo, o pernambucano Barbosa Lima Sobrinho, bem como pelo baiano Rui Barbosa, pelos paulistas Carlos Rizzini e Danton Jobim e pelos cariocas Carlos Lacerda e Alceu de Amoroso Lima.

Signos da mudança social

Como já foi dito, Luiz Beltrão lançou a plataforma da nova disciplina, a Folkcomunicação, no âmbito das ciências da comunicação no primeiro número da revista

Comunicações & Problemas. No artigo sobre o “ex-voto”, ele suscitava o olhar dos pesquisadores da comunicação para um tipo de objeto que já vinha sendo competentemente estudado pelos antropólogos, sociólogos e folcloristas, mas negligenciado pelos comunicólogos.

Seu argumento implícito era o de que as manifestações populares, acionadas por agentes de “informação de fatos e expressão de ideias”, tinham tanta importância comunicacional quanto aquelas difundidas pelos *mass media*. Por isso mesmo ele recorria ao arsenal metodológico já testado e aperfeiçoado no estudo das manifestações convencionais do *mass-journalism* formatadas de acordo com os canais pós-gutenbergianos e as transportava para analisar as ricas expressões daquilo que ele sugeria como integrantes do Folkjornalismo (veiculadas em canais pré-gutenbergianos ou usando tecnologias tão rudimentares como a prensa de Mogúncia).

Na verdade, Beltrão descobrira que os processos modernos de comunicação massiva coexistiam, no espaço brasileiro-nordestino, com os fenômenos de comunicação pré-moderna. Eram reminiscências do período medieval-europeu, transportadas pelos colonizadores lusitanos e historicamente aculturadas, aparentando uma espécie de *continuum* simbólico. Tais veículos de comunicação popular ou de Folkcomunicação, como Beltrão classifica, mesmo primitivos ou artesanais, atuavam como meros retransmissores ou decodificadores de mensagens desencadeadas pela indústria da comunicação de massa (jornais, revistas, rádio, televisão).

Em certo sentido, Luiz Beltrão antecipa, no Brasil, observações empíricas que depois seriam feitas também por Jesus Martín-Barbero, na Colômbia, robustecendo sua teoria das “mediações culturais”, o cerne da contribuição dos culturalistas ao pensamento comunicacional latino-americano. Dessa corrente, o mexicano Jorge González no livro *Sociologia de las culturas subalternas* (México: Mexicali/UABC, 1990) já fizera referência explícita aos estudos seminais do cientista pernambucano sobre as classes subalternas brasileiras. Tal pioneirismo seria enfatizado pelo próprio Martín-Barbero, em sua análise sobre os “aportes” brasileiros para as ciências sociais da América Latina durante o congresso da Intercom em Santos/SP, em 1997. Beltrão reconheceu nos agentes de Folkcomunicação, em sociedades rurais ou periféricas, um caráter nitidamente institucional, semelhante àquele que

Martín-Barbero atribuiria mais tarde aos agentes educativos, religiosos ou políticos nas sociedades urbanas metropolitanas.

Ao publicar o segundo livro *Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados* (SP: Cortez, 1980) Beltrão corrige a denotação jornalística antes apontada, bem como a evidente conotação regional. Assim a teoria da Folkcomunicação se apresenta bem mais rica e estruturada, fruto das pesquisas empíricas que ele realizou em outras regiões brasileiras, especialmente em Brasília (síntese cultural do país) e dos confrontos feitos com pesquisas semelhantes desenvolvidas em outros países.

A reinterpretação das mensagens não se fazia apenas em função da “leitura” individual e diferenciada das lideranças comunitárias. Mesmo sintonizadas com as “normas de conduta” do grupo social, ela continha fortemente o sentido da “coesão” grupal, captando os signos da “mudança social”, típico de sociedades que sofrem as agruras do meio ambiente e necessitam transformar-se para sobreviver.

O pensamento de Luiz Beltrão disseminou-se em todo o território nacional, conquistando seguidores que deram andamento a algumas de suas ideias ou discípulos que avançaram nas trilhas empíricas por ele abertas. Considero-me um deles, ainda que não o mais frequente, nessa área, como sem dúvida tem sido Roberto Benjamin, Oswaldo Trigueiro ou Joseph Luyten. Dos escritos desse grupo resultou um corpo conceitual que explicita (ou reinterpreta) a teoria da Folkcomunicação, e que estão reunidos na obra *Mídia e Folclore* (Maringá: Faculdades Maringá, 2001) como uma contribuição para que as novas gerações de pesquisadores da folkmídia possam avançar nas sendas abertas por Luiz Beltrão.

Ao avançar das pesquisas neste século XXI, muitas apropriações folkmidiáticas podem ser encontradas nos formatos ficcionais ou musicais. No entanto, o próprio jornalismo se abastece continuamente nas fontes da cultura popular, registrando indícios das sobrevivências tradicionais na vida das comunidades modernas. Pelo seu caráter inusitado, pitoresco ou sentimental, tais manifestações populares se convertem em notícias jornalísticas.

Luiz Beltrão, renovador do ensino de jornalismo no Brasil

Luiz Beltrão converteu-se em ícone brasileiro das ciências da comunicação por seu tríplice pioneirismo: fundador do primeiro instituto universitário de pesquisa (1963), criador da primeira revista científica (1965) e autor da primeira tese de doutorado (1967) nessa área

do conhecimento, em nosso país (DUARTE, 2001, p.127). Tal posição de vanguarda justificou a criação, em 1997, do “Prêmio Luiz Beltrão de Ciências da Comunicação” pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), por meio do qual a comunidade acadêmica evidencia anualmente o mérito de pessoas ou entidades que demonstram excelência na pesquisa (GOBBI, 2004 p. 24-27).

A instituição da “Cátedra Luiz Beltrão” pela Universidade Católica de Pernambuco, com o apoio do centenário jornal “Diário de Pernambuco”, é outro importante marco na história das ciências da comunicação que simboliza o reconhecimento do seu papel de renovador do ensino de jornalismo no Brasil, por meio do projeto pedagógico que elaborou justamente para aquela instituição pernambucana (GALVÃO, 2006).

Luiz Beltrão dedicou sua vida profissional ao Jornalismo, atividade que iniciou em 1936, na redação do Diário de Pernambuco. Ele primeiro trabalhou no arquivo do jornal, mas logo passaria ao *front* jornalístico, garimpando notícias, produzindo textos e editando matérias. Sua produção como repórter ainda permanece inédita, portanto, desconhecida das novas gerações. Dela apenas ganhou notoriedade seu livro *Itinerário da China*, publicado em 1959 pela Imprensa Oficial do Estado de Pernambuco. Como jornalista, atuou em vários órgãos da imprensa pernambucana, tornando-se líder sindical da categoria e alcançando projeção nacional. Ao participar de congressos jornalísticos, no país e no exterior, escreveu ensaios e monografias em que pensou criticamente sua profissão e seu impacto na sociedade. Tais reflexões geraram o livro *Iniciação à Filosofia do Jornalismo*, que lhe garantiu o Prêmio Orlando Dantas (1959), patrocinado pela Editora Agir (Rio de Janeiro), que lançou a obra nacionalmente no ano seguinte. Essa publicação marca a guinada profissional na vida de Beltrão ao colocar o jornalismo em segundo plano e avançar para o engajamento acadêmico.

Preocupado com a formação universitária dos jovens jornalistas, Beltrão aceitou o convite para ensinar “Ética e Técnica do Jornalismo” na Faculdade de Filosofia Nossa Senhora de Lourdes, em João Pessoa, Paraíba. Ao mesmo tempo, havia apresentado o projeto para a criação de um Curso Superior de Jornalismo na Universidade Católica de Pernambuco, iniciativa acolhida pela congregação dos jesuítas e implementada a partir de 1961. Suas aulas de Jornalismo foram previamente escritas, antes de expostas em sala de aula, acumulando conhecimento que lhe permitiria publicar quatro livros sobre o processo de produção jornalística e seus gêneros fundamentais: *Técnica de Jornal* (Recife: ICINFORM, 1964), *A*

Imprensa Informativa: Técnica da Notícia e da Reportagem no Jornal Diário (SP: Folco Masucci, 1969), *Jornalismo Interpretativo: filosofia e técnica* (Porto Alegre: Sulina, 1976) e *Jornalismo Opinativo* (Porto Alegre: Sulina, 1980).

Quando iniciou sua trajetória no espaço universitário, fundando o Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco (1961), Luiz Beltrão estava respaldado pela bem sucedida militância na prática jornalística. Ele contabilizava um quarto de século enquanto jornalista profissional, desde o ingresso no Diário de Pernambuco (1936) à participação na liderança da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), como representante pernambucano. Contava também com o beneplácito da vanguarda intelectual, como autor do festejado ensaio *Iniciação à Filosofia do Jornalismo* e vencedor do Concurso Orlando Dantas, promovido pelo Diário de Notícias. Faltava-lhe, contudo, experiência pedagógica. Consciente disso, ele planeja antecipadamente a ação didática que iria desenvolver como regente da Cátedra “Técnica de Jornal”, a espinha dorsal do Curso de Jornalismo.

Segmentada em três disciplinas anuais, a estrutura da cadeira foi planejada de modo sequencial, reservando ao primeiro ano a visão teórica do jornalismo e aos dois anos restantes o conhecimento aplicado, ou seja, a iniciação na prática profissional. Depois de testar em sala de aula o conteúdo programático desenvolvido no primeiro ano da Cátedra “Técnica de Jornal”, ele resolveu apostilar o conjunto das lições ministradas. Essa edição artesanal foi impressa na tipografia da Escola Gráfica Editora do Recife (1964), com o selo do recém criado Instituto de Ciências da Informação (ICINFORM), convertendo-a precocemente em título disputado nos “sebos” pelos colecionadores de “obras raras”.

Para que os pesquisadores do século XXI pudessem conhecer o elo condutor do itinerário Beltraniano entre a “teoria” (contida na obra inicial) e a “prática” jornalística (fartamente documentada na obra de maturidade), os professores Sérgio Barbosa e Ieda Borges, Faculdades Adamantinenses Integradas (FAI) publicaram o livro *Teoria e Prática de Jornalismo* (Adamantina: Omnia, 2006). A obra traz um conjunto de fascículos publicados por Beltrão entre os anos de 1961 e 1963 e que ainda não estavam disponíveis. O lançamento aconteceu durante o “Ciclo Luiz Beltrão”, realizado na FAI, em 2006, **Ano Luiz Beltrão** (INTERCOM, 2006). O entusiasmo com que os alunos e professores do Curso de Jornalismo da FAI se engajaram no resgate da vida e da obra de Luiz Beltrão, revela-se na apresentação da obra.

Transcodificar os acontecimentos diários e rotineiros de uma sociedade mutável e materializá-los no discurso é sempre uma redescoberta aos profissionais da área. Luiz Beltrão já na década de 1960 apontava novas formas de desvendar maneiras e caminhos para se fazer jornalismo diante dos desafios daquele período. Entretanto, isso não se perdeu com o tempo (BARBOSA e BORGES, 2006, *Apresentação*).

Palavras que justificaram plenamente a boa acolhida que a iniciativa mereceu dos dirigentes da FAI, principalmente de seu diretor-geral, professor Gilson Parisotto (2006, *Prefácio*):

A importância de Luiz Beltrão, considerado um pioneiro da pesquisa na área de comunicação, torna-se uma referência acadêmica para pesquisadores, alunos e professores afins aos ensinamentos do Mestre. Participar de um projeto editorial deste porte engrandece a instituição convidada para compor o projeto editorial, torna-se um desafio neste cenário de incertezas em nível global para o ser humano e o mundo comunicacional.

Com a publicação desse livro a FAI permite a quem pretender se dedicar à exegese crítica do pensamento jornalístico daquele que renovou o ensino de jornalismo no Brasil, compreender uma peça importante desse processo, encurtando a distância entre a prática e a teoria do Jornalismo.

Depois de gravar as pistas históricas em seu livro *Iniciação à Filosofia do Jornalismo* (RJ: Agir, 1960) Beltrão procura revelar aos discípulos nordestinos as marcas do *folk journalism* que precede a galáxia de Gutenberg. Tais marcas estão evidentes também na categoria de mensagem midiática que suscita o interesse crítico do semiólogo francês Roland Barthes rotulado como *fait-divers*. Sintomaticamente, porém, Beltrão envereda por caminho distinto daquele percorrido por Marshall McLuhan, Lévi-Strauss e Roland Barthes, buscando um ângulo de observação explicitamente brasileiro. Focaliza, não a apropriação da *folk culture* pela mídia e sim, o uso da *mass culture* pelo folclore, recodificando e interpretando o conteúdo da mídia para a compreensão do povão. A repercussão nacional e internacional desse trabalho inovador faz com Beltrão assumira a direção da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (de 1965 a 1969). Depois da passagem pela Universidade de Brasília, Beltrão atua como docente e pesquisador no Centro de Estudos Universitários de Brasília (CEUB).

A atuação acadêmica nacional mescla-se com uma intensa atividade acadêmica internacional, especialmente na América Latina, onde Beltrão realiza cursos, seminários,

palestras e conferências. O resultado dessa profícua vida intelectual é a publicação de um quarteto literário sobre teoria da comunicação: *Sociedade de massa: comunicação & literatura* (Petrópolis: Vozes, 1972), *Fundamentos Científicos da Comunicação* (Brasília: Thesaurus, 1973), *Teoria Geral da Comunicação* (Brasília: Thesaurus, 1977) e *Teoria da Comunicação de Massa*, escrito com a colaboração do discípulo Newton de Oliveira Quirino (São Paulo: Summus, 1986). Convidado a trabalhar na Assessoria de Relações Públicas da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) Beltrão se dedica a avaliar o comportamento da imprensa brasileira diante da questão indígena, cujas principais evidências foram reunidas no livro *O índio, um mito brasileiro* (Petrópolis: Vozes, 1977).

O sistema de comunicação cultivado pelos contingentes que permaneciam à margem da sociedade opulenta, aquela que entoava o hino “pra frente Brasil”, enfrentou a mesma quarentena vivida por Luiz Beltrão, no apogeu do regime militar, patrulhados pelas vanguardas intelectuais saudosas dos engajados movimentos de cultura popular pré-64, e vigiados pelos serviços de informação dos secretos órgãos de segurança instalados ostensivamente na administração universitária pós-64.

Mídia radical

O complexo do colonizado, que induz as elites brasileiras a menosprezar singularidades nativas, geralmente costuma ser ultrapassado quando ícones intelectuais, que nos visitam, enaltecem fenômenos culturais aqui enraizados. Foi exatamente o que aconteceu nos idos de 60. Chacrinha, o animador do programa de auditório mais popular da nossa televisão, mereceu referências positivas do sociólogo francês Edgar Morin, numa de suas primeiras incursões ao território nacional. Depois disso, o “velho guerreiro” foi saudado em prosa e verso pelas nossas vanguardas artísticas, sendo alçado ao universo simbólico do tropicalismo.

Fato semelhante ocorreu durante o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em Belo Horizonte (2003). Ao descrever sua tipologia da “mídia radical” contida em seu livro *Mídia Radical* (SP: Ed. SENAC, 2004) que mapeia aqueles fluxos encravados nas raízes da “comunicação rebelde” e que plasman os “movimentos sociais” na periferia da globalização, o professor emérito de Rádio, TV e Mídia Digital nos Estados Unidos, John Downing, causaria impacto junto à plateia jovem. Imediatamente, vários comunicólogos da

nova geração se davam conta de que as hipóteses construídas por Downing eram semelhantes às aquelas propostas pelo brasileiro Luiz Beltrão, há mais de meio século. Ambos foram capazes de perceber que as tradições comunicacionais das populações marginalizadas sobrevivem às inovações tecnológicas, demonstrando capacidade de resistência cultural, no tempo e no espaço.

Desde aquele episódio, a teoria Folkcomunicacional de Luiz Beltrão, cuja originalidade fora reconhecida internacionalmente e vem ganhando novo alento, suscitando releituras, revisões e redescobertas, tanto na academia quanto na periferia.

Distantes da imprensa e da internet, as comunidades empobrecidas que habitam as periferias urbanas, em pleno século XXI, se valem de meios rudimentares de expressão, seja para reinterpretar as mensagens recebidas diretamente da mídia massiva, seja para disseminar alternativamente suas informações, opiniões ou atitudes. Desprovidas de suportes midiáticos e destituídas de referentes simbólicos que habilitassem ao ingresso na galáxia de Gutenberg, as classes subalternas foram criando sua própria mídia (artesanal, artilosa, criativa). Trata-se do embrião da *mídia cidadã*, que ganha densidade, mas não necessariamente legitimidade, na fase posterior à independência nacional. Conformando o sistema de Folkcomunicação, essas manifestações populares permanecem vivas até os dias atuais, coexistindo dialeticamente com a mídia massiva.

A Teoria da Folkcomunicação

A revisão do legado Beltraniano pelas novas gerações, em sintonia com as transformações da sociedade, suscita a análise contextual das mudanças ocorridas nos estudos Folkcomunicacionais, com a intenção de perceber suas inovações relevantes. Depois de mais de cinco décadas de acumulação de conhecimentos, torna-se indispensável revisar criticamente as transformações operadas na disciplina, na tentativa de discernir quais os elementos que permaneceram imutáveis no período, quais as mutações evidentes e quais as tendências prenunciadas pelas novas gerações que deram sequência às ideias originais de Luiz Beltrão. Elas se impuseram não apenas porque a dinâmica sociocultural foi significativamente alterada em nossa sociedade, mas também em razão da exegese feita pelos analistas Folkcomunicacionais, a partir dos textos seminais do fundador da disciplina.

Folkcomunicação como disciplina acadêmica

Enquanto disciplina acadêmica, a Folkcomunicação tem vivenciado momentos cruciais: a exploração inicial do fenômeno por pesquisadores de renome internacional; a criação do objeto, em consonância com a ideia esboçada por Luiz Beltrão e a configuração do campo pela prática dos pesquisadores que endossaram sua proposta inovadora. No livro *Mídia e Cultura Popular: História, Taxonomia e Metodologia da Folkcomunicação* (SP: Paulus, 2008) apresento evidências desse processo, vislumbrando os desdobramentos perceptíveis. E creio que vale a pena rememorá-los para compreensão desse processo histórico.

Em 1951, acontecem dois fatos isolados, mas que demonstram a oportunidade do estudo acadêmico da Folkcomunicação. O primeiro é descortinado por Marshall McLuhan, ao lançar *The Mechanical Bride*, que apresenta como objeto de análise o “folclore do homem industrial”. Não obstante seja um libelo contra a cultura de massa, o livro de estreia de McLuhan especula a propósito do divórcio entre a sociedade ocidental (europeia) e sua “noiva mecânica” (a imprensa). Para tanto, o performático canadense argumentaria paradoxalmente, pinçando símbolos folk no universo da indústria cultural, demonstraria sua eficácia operativa. Apropria-se de imagens peculiares ao mundo dos primitivos colonizadores britânicos, mesclados com os elementos típicos dos novos imigrantes, para gerar o tecido que veste o corpo do cidadão ianque.

O segundo fato ocorre também em 1951, quando o antropólogo franco-belga Claude Lévi-Strauss testemunha um episódio singular, durante as comemorações natalinas na cidade de Dijon. Noticiado pelo diário *France Soir* o incidente traduz o descontentamento da população local a respeito da paganização do Natal. O pomo da discórdia é a introdução do culto a Papai Noel, importado dos Estados Unidos, embora o mito esteja ancorado nas tradições nórdicas, particularmente dinamarquesas. Reconstituídos pelo cientista francês, então atuando como professor-visitante na Universidade de São Paulo (USP), os fatos foram comentados judiciosamente em artigo publicado na revista cultural “Anhembi” (n.6, v.16, p.12-26), que circularia em março do ano seguinte. Esse texto foi incluído na antologia *Folkcomunicação*, que organizei para a editora Com-Arte em período fundacional, no início de 1971, justamente para assinalar seu valor Folkcomunicacional. Já havia transcorrido uma década das fogueiras que destruíram os bonecos de Papai Noel em Dijon e da notoriedade de McLuhan, de braços dados com a “noiva mecânica”, quando Luiz Beltrão inicia o estudo

sistemático da matéria, ao implantar o curso de jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco.

Segmento inovador na pesquisa

A Folkcomunicação está portanto legitimada como disciplina acadêmica, e como objeto de estudos científicos pelos pioneiros de áreas conexas, como por exemplo, a antropologia estrutural de Lévi-Strauss; a teoria literária de Roland Barthes; e à estética sociológica de Marshall McLuhan.

O objeto de pesquisa da disciplina acadêmica Folkcomunicação está situado na fronteira entre o Folclore (resgate e interpretação da cultura popular) e a Comunicação de Massa (difusão industrial de símbolos através de meios mecânicos ou eletrônicos destinados a audiências amplas, anônimas e heterogêneas). Se o Folclore compreende formas comunitárias de expressão cultural das classes subalternas, a Folkcomunicação protagoniza a outra face da moeda, caracterizando-se pela utilização de mecanismos artesanais de difusão simbólica para traduzir em linguagem popular mensagens ininteligíveis, previamente veiculadas pela indústria cultural (BELTRÃO, 1971 e 1980).

Esta é a compreensão original de Luiz Beltrão, que situa a Folkcomunicação como processo de intermediação entre a cultura das elites (erudita ou massiva) e a cultura das classes trabalhadoras (rurais ou urbanas).

Trata-se da "segunda etapa" do processo de difusão massiva, tal qual descrito pelo sociólogo Paul Lazarsfeld, e seus discípulos da Universidade de Columbia (EUA), entre eles Luiz Beltrão. Porém com uma diferença fundamental. Enquanto os cientistas norte-americanos vislumbravam o protagonismo individual de "líderes de opinião" em "grupos primários", o fundador da Folkcomunicação dimensionava a influência coletiva de "agentes simbólicos" no seio de "comunidades periféricas". Dentro dessa perspectiva, realizaram-se as primeiras pesquisas do gênero, privilegiando aquelas decodificações da cultura de massa (ou suas leituras simplificadoras da cultura erudita) feitas pelos veículos rudimentares nos quais se abastecem simbolicamente os segmentos populares da sociedade (BENJAMIN, 2004).

Muitos dos seus produtos típicos, principalmente no setor do entretenimento, resgataram símbolos populares, submetendo-os à padronização peculiar à fabricação massiva e seriada. Desta maneira, os pesquisadores de Folkcomunicação ampliaram o raio de

observação dos fenômenos Folkcomunicacionais, não se limitando a analisar os fenômenos e estratégias da recodificação popular de mensagens da cultura massiva, mas também rastreando os processos inversos (BENJAMIN, 2004). Ou seja, pesquisando a apropriação de bens da cultura popular pela indústria cultural (tanto os meios de comunicação coletiva quanto os aparatos do lazer massivo, principalmente o turismo).

Dessa maneira, é possível compreender que a Folkcomunicação adquire cada vez mais importância pela sua natureza de instância mediadora entre a cultura de massa e a cultura popular, protagonizando fluxos bidirecionais e sedimentando processos de hibridação simbólica. Trata-se de um fenômeno capaz de seduzir as novas gerações de pesquisadores das ciências da comunicação, aproximando-os a este campo de estudos, cuja riqueza cognitiva merece explorações mais atentas e profundas. Ela representa inegavelmente uma estratégia contra hegemônica das classes subalternas (MARQUES DE MELO, 2008, p.25). Uma negociação a um só tempo sutil e astuciosa, naquela acepção cunhada pelo italiano Antonio Gramsci e reinterpretada pelo brasileiro Edison Carneiro, que influenciou decisivamente o arcabouço teórico construído por Luiz Beltrão. Contudo, embora contabilize mais de cinco décadas como disciplina acadêmica, a Folkcomunicação ainda enfrenta problemas de natureza epistemológica. Trata-se de um desafio a ser equacionado pela nova geração de pesquisadores da área. Para tanto, revisito uma proposta (INTERCOM UERJ, 2005) de classificação dos gêneros e formatos Folkcomunicacionais enquanto objetos empíricos.

Gêneros e Formatos Fokcomunicacionais

O entendimento das manifestações da cultura popular como processos comunicacionais pressupõe a elucidação da natureza taxonômica e do universo semântico que definem identidades e fronteiras entre o Folclore e a Folkcomunicação.

Apesar dos avanços obtidos pela Folkcomunicação enquanto disciplina acadêmica, algumas questões de natureza metodológica continuam a merecer a atenção dos estudiosos da área. Nessa linha construtiva, submeto à comunidade acadêmica uma tentativa de classificação dos “gêneros e formatos” Folkcomunicacionais, retomando o esboço que havia construído há vários anos (MARQUES DE MELO, 2008), mas que permaneceu inacabado, à espera de novas contribuições. Trata-se de uma tipologia resultante do diálogo que mantive,

no final dos anos 70, com o fundador da nossa disciplina, agora atualizado através de consulta a obras legitimadas da bibliografia da ciência do folclore (ZUMWALT, 1988; LIMA, 2003).

Em sua teoria da Folkcomunicação, Beltrão (1980) propõe a classificação dos fenômenos da comunicação popular, que pode ser tomada como um elenco dos “gêneros Folkcomunicacionais”:

- Folkcomunicação oral
- Folkcomunicação musical
- Folkcomunicação escrita
- Folkcomunicação icônica
- Folkcomunicação cinética

Entretanto, essa classificação parece problemática, por duas razões:

1. A dificuldade de distinguir as fronteiras entre “oral e musical”, uma vez que a captação das mensagens se faz através da “audição”;
2. O caráter reducionista da “escrita”, que pode ser confundida como “manuscrito”.

Assim sendo, preferimos trabalhar com o esquema classificatório que esboçamos em 1979, introduzindo uma pequena alteração – o gênero primitivamente denominado “Folkcomunicação escrita” passa ser rotulado como “Folkcomunicação visual”, incluindo não apenas as expressões “manuscritas”, mas também as “impressas” e as “pictográficas”, todas elas captadas através da “visão”.

Na verdade, o sistema *folk* mantém autonomia em relação ao sistema massivo, com ele se articulando de modo pendular. Ora exercita uma espécie de mediação simbólica, filtrando significados e atuando como correia de transmissão. Ora funciona como agente retroalimentador, preenchendo brechas ao incluir suas próprias demandas na agenda das emissões massivas.

Identificando-o como mídia dos “marginalizados”, Luiz Beltrão inventariou as formas rudimentares através das quais as camadas populares expressam sua inconformidade em relação à sociedade instituída pelos estamentos superiores. Coletando evidências em várias regiões do país, Beltrão compôs um panorama unificado pela universalidade que advém do folclore, cujas “raízes, tronco e ramos” estão profundamente arraigados na “natureza humana”.

Esta Tipologia da Folkcomunicação, constitui, na verdade, um desafio aos pesquisadores comprometidos com a sedimentação desta disciplina. Somente através do inventário de fontes documentais ou da realização de pesquisa de campo será possível atestar sua validade em todo o território nacional. Proponho que os pesquisadores associados da Rede FOLKCOM, bem como os estudiosos participantes do Grupo de Pesquisa em Folkcomunicação, Mídia e Interculturalidade da INTERCOM, entre outros grupos de estudos dos fenômenos folkcomunicacionais, que façam, nas respectivas regiões em que atuam, exercícios de comprovação da aplicabilidade deste esquema, socializando amplamente os resultados obtidos. Só desta maneira, poderemos construir um repertório taxionômico (ORING, 1986) capaz de consolidar a Folkcomunicação como disciplina integrada ao universo das ciências da comunicação.

Categorias: Conjunto de manifestações simbólicas determinadas pela combinação do canal e da audiência.

Gêneros: Forma de expressão determinada pela combinação do canal e da audiência.

Tabela 1: Gênero Folkcomunicacional (Canal e Código)

Gênero Folkcomunicacional	Canal	Código
Oral	Auditivo	Verbal/Musical
Visual	Ótico	Linguístico/Pictórico
Icônica	Ótico/Táctil	Estético/Funcional
Cinética	Múltiplos Canais	Gestual/Plástico

Fonte: MARQUES DE MELO, 2005.

Elaboração: CUNHA, 2018.

Formatos: Estratégia de difusão simbólica determinada pela combinação de intenções (emissor) e de motivações (receptor).

Tabela 2: Gênero Folkcomunicacional (Formato)

Gênero Folkcomunicacional	Formato
Oral	Canto, Música, Prosa, Verso, Colóquio, Rumor, Tagarelice, Zombaria, Passatempo, Reza
Visual	Escrito, Impresso, Mural ou Pictográfico

Icônica	Devocional, Diversional, Decorativo, Nutritivo, Bélico, Funerário, Utilitário
Cinética	Agremiação, Celebração, Distração, Manifestação, Folgado, Festejo, Dança, Rito de passagem

Fonte: MARQUES DE MELO, 2005.

Elaboração: CUNHA, 2018.

Tipos: Variação estratégica determinada pelas opções simbólicas do emissor, bem como por fatores residuais ou aleatórios típicos da recepção.

Tabela 3: Folkcomunicação Oral (Formatos e Tipos – Parte 1)

Folkcomunicação Oral				
Formatos e Tipos (Parte 1)				
Canto	Música	Prosa	Verso	Colóquio
Aboio	Baião	Conto de Fada	Cantoria	Conversa Fiada
Acalanto	Chimarrita	Lenda	Glosa	Conchavo
Embolada	Chula	Saudação	Parlenda	
Coreto	Choro	Sermão	Trova	
Cantiga de Mendigo	Dobrado			
Canto de Bebida	Lundu			
Pregão	Moda de Viola			
Toada	Samba de Breque			

Fonte: MARQUES DE MELO, 2005.

Elaboração: CUNHA, 2018.

Tabela 4: Folkcomunicação Oral (Formatos e Tipos – Parte 2)

Folkcomunicação Oral				
Formatos e Tipos (Parte 2)				
Rumor	Tagarelice	Zombaria	Passatempo	Reza
Boato	Bordão	Anedota	Adivinhação	Bendito
Fofoca	Gíria	Apelido	Charada	Incelência
	Palavrão		Provérbio	Ladainha

Fonte: MARQUES DE MELO, 2005.

Elaboração: CUNHA, 2018.

Tabela 5: Folkcomunicação Icônica (Formatos e Tipos – Parte 1)

Folkcomunicação Icônica			
Formatos e Tipos (Parte 1)			
Devocional	Diversional	Decorativo	Nutritivo
Amuleto	Boneca de Pano	Adornos Pessoais	Bolos
Ex-voto	Boneco de Barro	Bordados	Biscoitos
Imagem de Santo	Brinquedo Artesanal	Cestaria	Pães
Medalha	Jogos Infantis	Ornamentos	
Presépio	Jogos Infantis		

Fonte: MARQUES DE MELO, 2005.

Elaboração: CUNHA, 2018.

Tabela 6: Folkcomunicação Icônica (Formatos e Tipos – Parte 2)

Folkcomunicação Icônica		
Formatos e Tipos (Parte 2)		
Bélico	Funerário	Utilitário
Armas	Coroas	Faiança
Fardas	Lápides	Mobiliário
Estandartes	Mortalhas	Vestuário
Troféus	Túmulos	

Fonte: MARQUES DE MELO, 2005.

Elaboração: CUNHA, 2018.

Tabela 7: Folkcomunicação Cinética (Formatos e Tipos – Parte 1)

Folkcomunicação Cinética			
Formatos e Tipos (Parte 1)			
Agremiação	Celebração	Distração	Manifestação
Bloco Carnavalesco	Afoxé	Amarelinha	Campanha
Clube de Mães	Candomblé	Bazar	Comício
Comunidade de Base	Macumba	Capoeira	Desfile
Escola de Samba	Missa Crioula	Circo Mambembe	Greve
Escola Dominical	Procissão	Horóscopo	Marcha
Mutirão	Peregrinação	Pelada de Várzea	Passeata
Troça	Toré	Quermesse	Parada
	Vigília a Iemanjá	Rodeio Crioulo	Queima de Judas

	Umbanda	Vaquejada	Trote de Calouros
		Tourada	

Fonte: MARQUES DE MELO, 2005.

Elaboração: CUNHA, 2018.

Tabela 8: Folkcomunicação Cinética (Formatos e Tipos – Parte 2)

Folkcomunicação Cinética			
Formatos e Tipos (Parte 2)			
Folguedo	Festejo	Dança	Rito de Passagem
Baiana	Carnaval	Batuque	Formatura
Bumba Meu Boi	Festa Cívica	Caiapó	Batizado
Cavallhada	Festa da Padroeira	Catira	Boda
Chegança	Festa do Divino	Congada	Chá de Bebê
Caboclinho	Festa Junina	Cururu	Chá de Cozinha
Fandango	Festa Natalina	Ciranda	Despedida de Solteiro
Folia de Reis	Micarema/Micareta	Coco-de-Roda	Aniversário Natalício
Guerreiro	Forró	Dança de Moçambique	Velório
Marujada	Funk Carioca	Flamengo	
Maracatu	Rap Paulista	Frevo	
Pastoril		Galope	
Reisado		Jongo	
Taieira		Marcha Rancho	
		Maxixe	
		Mazurca	
		Quadrilha	
		Samba	
		Sapateado	
		Tango	
		Ticumbi	
		Valsa	
		Xaxado	

Fonte: MARQUES DE MELO, 2005.

Elaboração: CUNHA, 2018.

Diálogos imaginários entre Beltrão e Cascudo

Ao construir a teoria da Folkcomunicação, nos idos de 60 do século XX, Luiz Beltrão ancorou-se naturalmente no legado intelectual erigido por Luís da Câmara Cascudo (1898-1986), reconhecido como o principal estudioso do folclore brasileiro. Tive oportunidade de realçar essa circunstância, tanto na conferência de abertura da II Conferência Brasileira de Folkcomunicação, realizada em 1999, na cidade de São João del Rei, MG, quanto no texto de apresentação da XI FOLKCOM, celebrada em Natal, RN, em 2008. Os contextos são diferentes, mas os pretextos motivadores dessas anotações são convergentes, razão pela qual não posso fugir à tentação de reproduzi-los como incentivo aos leitores para um exercício comparativo que imagino seja a um só tempo agradável e frutífero.

Mais de 200 anos de inventividade

A aldeia potiguar testemunhou, na semana de 1 a 7 de setembro de 2008, o histórico encontro de dois gigantes da cultura brasileira. De um lado, mestre Cascudo, o cacique da tribo dos folcloristas. De outro lado, o guerreiro Beltrão, pertencente à nação dos jornalistas. Eles travaram uma peleja. Não em versos, mas em prosa. Abençoada pela numerologia. Fizeram um acerto de contas? Arbitraram a zona fronteira entre os dois territórios onde pontificam? Ou fortificaram alianças?

Cascudo, imperador supremo do Folclore. Beltrão, príncipe regente da Comunicação. Tratou-se evidentemente de colóquio imaginário. Falecidos em 1986, os dois nordestinos contemplaram à distância a celebração dos respectivos aniversários. 90 anos de Luiz Beltrão e 110 anos de Câmara Cascudo. Esse reencontro não pareceu casual. As festividades de que foram alvos simbolizaram 200 anos de inventividade. Justamente quando o Brasil comemorava o bicentenário da imprensa. A galáxia de Gutemberg, porto seguro que os reuniu intelectualmente, testemunhou a atuação contínua de ambos. Dali, fizeram incursões no território universal da cultura popular.

Quando publicou o artigo seminal da Folkcomunicação *O ex-voto como veículo jornalístico* (1965), Luiz Beltrão tinha consciência de adentrar terreno pedregoso, sujeito a cobrança de pedágio pelos intendentos do Folclore. Por isso, apressou-se em pedir a benção ao papa do lugar.

Um dos grandes canais de comunicação coletiva é, sem dúvida, o folclore. Das conversas de boca de noite, nas pequenas cidades interioranas, na farmácia ou na barbearia; da troca de informações trazidas pelo chofer de caminhão, pelos representantes comerciais ou pelo `bicheiro`, ou, ainda, pelos versos do poeta distante, impressos no folheto que se compra na feira [...] é que a semente da informação germinou no espírito dos analfabetos (BELTRÃO, 1965, p.1).

Da mesma forma, quando defendeu a tese de doutorado *Folkcomunicação, um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias* (1967), o criador da nova disciplina já contava com o beneplácito do catedrático daquela tradicional área do conhecimento. A carta emblemática de Cascudo a Beltrão sobre o ex-voto parecia uma couraça protetora. “O seu artigo-de-abertura [...] é um magnífico *master-plan*. Valorizará o cotidiano, o vulgar, o realmente popular de feição, origem e função” (CÂMARA CASCU DO, 1965, p. 133). Verdadeiro amuleto para Beltrão explorar o território cultural dos segregados pelos donos do poder. Mas não fechou seu corpo às flechas disparadas pelos diáconos da “pureza folclórica”, que pronto se arregimentaram para condenar o “conluio” entre a mídia impura e a cultura genuína do povo.

Naquela conjuntura, o próprio Cascudo perdia a aura da unanimidade. Embora mantivesse intocado seu prestígio internacional, passou a ser visto com reservas pelos “guardiões” da nossa cultura popular. Blindados pelos gabinetes ministeriais, esses burocratas intelectuais condenavam explicitamente os “devaneios” do oráculo potiguar. O folclore se reduzia a um bem tutelado e conservado pelos agentes estatais.

Resistindo com dignidade, os dois pesquisadores prosseguiram seus itinerários iconoclastas. Beltrão identificando as expressões comunicacionais inerentes às manifestações culturais das periferias. Cascudo privilegiando aqueles objetos da cultura popular que melhor funcionavam como vasos comunicantes. Partiram sem se despedir. Cascudo, em julho; Beltrão, em outubro do mesmo ano: 1986. Mas como aprenderam a valorizar o saber popular, marcaram o reencontro numa ocasião propícia, ungida pelo número 8. Ambos nasceram em anos regidos pelo 8: Cascudo, 1898 e Beltrão, 1918. E faleceram ao atingiram idades marcadas por 8: Cascudo, 88 e Beltrão, 68 anos. Compreende-se, portanto, que regressassem metaforicamente ao nosso convívio no ano 2008, quando juntos perfaziam a idade da

imprensa brasileira. E quando os chineses, inventores precoces da tipografia, reverenciavam o planeta num dia bendito pela força do 8, inaugurando as olimpíadas no dia 08/08/08.

Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) foi homenageado na sessão de abertura da XI Conferência Brasileira de Folkcomunicação, realizado em Natal/RN, durante o Congresso INTERCOM 2008, que ofereceu Simpósio Especial a Luiz Beltrão de Andrade Lima, com direito a reconstituição de sua história de vida e revisão crítica de sua obra.

Mais importante do que a peleja protagonizada entre seus discípulos e exegetas foi, sem dúvida, a consagração de ambos como ícones do Reino FOLKCOM. O símbolo evidente é a valorização dos seus nomes, capitaneando prêmios institucionais. Cascudo, padrinho do Prêmio de Folkcomunicação e Beltrão, patrono do Prêmio de Ciências da Comunicação da INTERCOM.

Folkcomunicação e artesanato

Quando Luiz Beltrão animou o ambiente cultural nordestino, no início dos anos 60, lançando sua hipótese da Folkcomunicação, sua argumentação estava fundamentada num objeto do artesanato religioso, o ex-voto. Sugerindo sua função informativa, independente da motivação mística dos seus agentes, ele dava continuidade ao debate sobre a “dinâmica do folclore” lançada nacionalmente por Edison Carneiro (1959, 1965), no qual intervieram outros interlocutores emblemáticos como Florestan Fernandes (1978), Carlos Estevão Martins (1963), Ferreira Gullar (1965).

Desse debate, que Luiz Antonio Barreto (2005, p. 61) depois avaliaria como politicamente eivado de uma “esterilidade sem precedentes”, resultaram algumas ações afirmativas, como as que foram resgatadas por Edenio Valle e José Queiroz (1979) sobre a cultura do povo, por Manoel Berlinck (1984) sobre os centros populares de cultura, e por Carlos Rodrigues Brandão (1985), a respeito dos movimentos de educação e cultura popular. Inclui-se nesse contexto a antologia organizada por Marques de Melo (1971), sob o título *Folkcomunicação*, documentando as incursões que precederam Luiz Beltrão (1971) na demonstração da sua teoria da Folkcomunicação: entre os autores selecionados estão Lévi-Strauss (1908-2009), Hernâni Donato (1922-2012), Mauro Mota (1911-1984), Roberto Pontual (1939-1994), Ariano Vilar Suassuna (1927-2014) e Clarival do Prado Valladares (1918-1983). Em síntese, a intenção era justificar a oportunidade do “campo de estudos” aberto pelo

mestre pernambucano, então radicado em Brasília, focalizando o estudo das “formas de comunicação intra-grupal e interpessoal dominantes nas regiões [...] onde o desenvolvimento ainda não penetrou, e onde também não penetraram o rádio, a TV, o jornal, o cinema”. (MARQUES DE MELO, 1971, p. 6).

Configura-se aí a inclusão do artesanato no campo dos estudos Folkcomunicacionais, respaldado pelos textos de Roberto Pontual sobre a xilogravura popular e de Clarivaldo do Prado Valadares sobre objetos artesanais que as elites julgavam “pseudo-artísticos”. Nem por isso, Luiz Beltrão se esquivou de estudá-los, ainda que de modo referencial, na tese de doutorado. Na verdade, os objetos artesanais perderam transparência no conjunto dos estudos Folkcomunicacionais porque tem sido diagnosticados em função dos conteúdos imateriais (valores) que disseminam (religiosos, políticos ou artísticos), ficando à sombra os formatos que melhor os definiriam como artefatos manufaturados. Uma exaustiva lista de tais objetos encontra-se indicada aos pesquisadores potenciais dos “sistemas de comunicação” (MARQUES DE MELO, 1978, p. 211-239). No entanto, sua abrangência foi caracterizada pelo próprio Luiz Beltrão (1980, p. 53), ao tratar dos mutirões constituídos pelos “grupos rurais marginalizados” que se reuniram em “núcleos mais ou menos homogêneos” para fortalecer os “trabalhadores do artesanato”:

- as rendeiras e fiandeiras do Ceará e de Alagoas
- os ceramistas de Caruaru (PE), de Maragogipe (BA), de São José (SC), do Vale do Paraíba do Sul (SP);
- os escultores de pedra-de-sabão nas cidades históricas de Minas Gerais;
- os joalheiros que lapidam ametistas, topázios e águas marinhas de Cristalina (GO) etc.

Em sua peroração, Beltrão concita os pesquisadores da área a resgatar as raízes medievais dessas ações contemporâneas.

Os artesãos do campo, segundo as tradições dos seus ancestrais medievos, têm não as suas ruas, mas os seus bairros e arruados, em cujos limites encontram com mais facilidade a matéria-prima de que se valem, sob a orientação dos mais velhos e experimentados, para elaborar e veicular, nas peças que criam, utilitárias ou artísticas, as mensagens icônicas entranhadas em linhas e fios dos bordados e rendas, nas formas e figuras de barro, pedra, madeira ou metais, nos signos fulgurantes e multicoloridos das jóias e objetos de material semiprecioso que, nos colos, nos pulsos ou nas casas de famílias mais afortunadas *gritam*,

silenciosa, despercebida, mas constantemente, o conteúdo filosófico e social do discurso do mundo rural distante (BELTRÃO, 1980, p. 53).

Antes de explorar a natureza comunicacional do artesanato, vale a pena rever seu conceito na literatura brasileira das ciências humanas.

Natureza e função do artesanato

O senso comum consagra a polissemia do termo, apontando quatro significações cruzadas. O Dicionário Aurélio (1999, p. 205) registra inicialmente sua dimensão processual: técnica e arte, bem como sua identidade funcional: categoria ou profissão; anotando, finalmente, o sentido operacional: produto manufaturado; e a localização espacial: lugar onde foi produzido. Por sua vez, os repertórios especializados são mais estritos semanticamente.

Cunha (2003, p. 74), por exemplo, separa o “joio do trigo”, no campo estético, privilegiando o *modus faciendi*: “produção manual e específica de objetos utilitários ou simbólicos”, ou tipificando os produtos resultantes de tal operação laboral: cerâmica, tecelagem, tapeçaria e ourivesaria. Mas não deixa de considerar implicitamente suas marcas identitárias: ancestralidade, anonimato, popularidade. Corresponde a “manufatura criada por operários anônimos, na qual se aplicam técnicas ancestrais, transmitidas por famílias ou grupos comunitários, e cujo consumo ocorre, majoritariamente, nos grupos populares”. Larousse (1988, p. 61) flagra o sentido cultural, situando-o no âmbito “folclórico” e caracterizando-o como trabalho fisicamente “manual”, funcionalmente “utilitário”, ecologicamente “localizado”, produzindo peças originais ou recicladas. Trata-se, portanto, de manufatura, combinando arte, técnica e habilidade manual. “As mãos são o verdadeiro instrumento de trabalho do artesão, com frequência auxiliadas por máquinas e ferramentas, elas próprias de produção artesanal”. Constituem “exemplos de artesanato com função lúdica”: “as peças em cerâmica de Caruaru (PE)”, cuja produção ocupa hoje “centenas de famílias de artesãos”, sendo pintadas com “tintas industriais”, reproduzindo “tipos populares”.

Objeto pouco explorado na literatura brasileira, o artesanato figura residualmente na obra dos Folcloristas, como revisaremos a seguir nos estudos de Edison Carneiro, Alceu Maynard de Araújo, Renato Almeida, Vicente Salles e Câmara Cascudo.

Na classificação decimal do folclore brasileiro proposta por Edison Carneiro (1957, p. 129-138) pertence à categoria 5 – artes e técnicas, que o autor considera “um dos capítulos mais pobres da bibliografia brasileira”. Aparece ali de forma plural: artesanatos, mas também de modo singular, tipificando o suporte: cerâmica, a função: decoração ou os objetos: ex-votos, vestimenta, adornos, brinquedos etc.

Esse raquitismo cognitivo transparece em obras panorâmicas como as de Alceu Maynard Araújo (1967, 1973). Classificados como “fatos da cultura material”, os processos artesanais são enfocados descritivamente nos itens: rendas e rendeiras, labirinto, rede de dormir, cestaria, cerâmica e modelagem, xilogravura.

Renato Almeida (1965, p. 185-197) confere maior sistematização, em seu manual de coleta folclórica. Dedicando um capítulo especial às artes populares e aos artesanatos, focaliza a cerâmica, a fiação e tecelagem, cestaria, bem como os objetos produzidos em couro, pedra e penas. Vicente Salles (1973, p. 173) define o “trabalho artesanal” como um processo caracterizado pela conjugação dos seguintes fatores:

- Manual: “tudo que é feito a mão pelo homem”;
- Rústico – empregando “técnicas elementares”;
- Ecológico – em sintonia com o meio ambiente, porque destinado ao consumo “doméstico” ou “regional”, refletindo os “estilos de vida” dos destinatários.

Coexistindo, paradoxalmente, com a “era industrial”, o artesanato ocupa braços ociosos não assimilados pelas fábricas, produzindo peças “utilitárias” e “ornamentais”, geralmente consumidas pelos usuários dos pacotes turísticos.

Como “sobrevivência cultural”, trata-se de fenômeno monitorado politicamente por organizações comunitárias, como as cooperativas – servindo os trabalhadores - e por instituições públicas como os museus – preservando a memória social.

Apesar de não incluir o artesanato no *Dicionário do Folclore Brasileiro* (RJ: INL, 1962), também Câmara Cascudo (1967) valorizou esse fenômeno, situando-o no campo “ergológico” e anotando que “o povo conserva o seu patrimônio tradicional [...] nos formatos antiquados que muito lentamente vão sendo mudados”. Mas, dentro desse espírito compreensivo, ele incluiu o artesanato no universo do folclore brasileiro.

A cultura popular compreende o artesanato, as indústrias caseiras, tudo quanto acompanhar a tradição manufatureira, mesmo com modificações que não mutilem la santa continuidade, como dizia Eugenio D'Ors. [...] O folclore é o popular, mas nem todo o popular é folclore (CÂMARA CASCUDO, 1972, p. 13).

A tipologia proposta por Câmara Cascudo inclui: móveis e utensílios, redes de dormir, aparelhagem de caça e pesca, cerâmica, cestaria, indumentária, culinária. No conjunto da sua obra, o cientista potiguar dedica estudos etnográficos a algumas dessas formas de expressão popular: o traje do vaqueiro (1955), a rede de dormir (1959) e a culinária (1977).

Nesse sentido é que o artesanato figura em nossa literatura comunicacional, espelhando o empirismo cultivado por Mário de Andrade (1983-1945), cuja coleção de peças folclóricas integrou o acervo do Museu constituído pela Comissão do IV Centenário de São Paulo, que, durante muito tempo, permaneceu aberto à visitação pública no Parque do Ibirapuera de São Paulo. (TAVARES DE LIMA, 1972, p. 96).

Havia, ali, um seletivo repertório do artesanato brasileiro, distribuído pela fisionomia multidimensional das peças recolhidas pelos pesquisadores encarregados de organizar as seções de natureza instrumental: técnica popular e brinquedos populares, ou de natureza funcional: arte, ciência, religião, música e dança. Contudo a visão de Luiz Beltrão foi além e alcança o exterior da vida cotidiana. A pesquisa folkcomunicacional contemporânea precisa desvendar o universo simbólico contido nos grafitos pornográficos e político-filosóficos inscritos nos banheiros públicos, nas paredes dos prédios, nos muros das ruas.

A rua é do povo

Essa generalizada simplificação do sentido da mensagem em grafitos, simplificação que, de resto, ocorre com as demais manifestações do pensamento popular, é que nos leva a apreciá-los, em seguida, através de três das mais frequentes modalidades, fundamentadas nos locais-suportes que lhes servem de veículo:

- As inscrições nas vias públicas;
- Os grafitos de sanitários;
- Legendas de para-choques e desenhos de lameiros de caminhões.

Ainda ecoa na lembrança dos seus discípulos a justificativa dessa atitude rebelde e contestatória.

Como a praça celebrada pelo poeta, a parede é do povo. Tal como os muros e tapumes, enquanto protegem a intimidade dos que vivem e labutam nos espaços interiores limitados, permitem quase sempre a contragosto a utilização pública de suas superfícies externas, em mensagens inscritas que proclamam ideias, lavram protestos, exprimem anseios e sugerem soluções, zombam do sistema e dos seus mentores e administradores, desafiam, estimulam, excitam e incitam os transeuntes à ação. São o mural dos emissores livres e anônimos, sem acesso a outros meios gráficos mais sofisticados (BELTRÃO, 1980, p. 227).

Hoje, o criador da Folkcomunicação concita os jovens engajados nos projetos de iniciação científica a desvendar o universo simbólico contido nos grafitos pornográficos e político-filosóficos inscritos nos banheiros públicos ou nas paredes das praças, representando uma espécie de “*feedback* hipotético” de natureza “subversiva” daqueles contingentes excluídos de participar ativa e legalmente da vida nacional.

Folkcomunicação e Folclore

Compreensão abrangente do problema sempre teve Luís da Câmara Cascudo (1898-1986), por isso mesmo reconhecido como patrono do Folclore no Brasil e principal animador da Folkcomunicação. Trata-se de entendimento universal do fenômeno, não circunscrito ao tempo, ao espaço e às conjunturas. Proclamando que o “folclore é uma cultura mantida pela mentalidade do homem e não determinado pelo material manejado”, ele argumenta historicamente:

Houve um folclore em Babilônia e Nínive. O homem de Nínive e de Babilônia diluiu-se noutras raças e com ele o seu *lore*. O Padre Manuel da Nóbrega, em 1549, informava que o indígena na Bahia só saía à noite com um tição aceso na mão. Era uma defesa contra os fantasmas agressivos. No sertão do Rio Grande do Norte, em 1910, com 12 anos de idade, via meus primos obedecerem ao mesmo rito. Em 1963, viajando pela Zambézia, encontrava os negros agitando tições flamejantes. Os hindus contemporâneos empregam a mesma técnica. Os homens da Babilônia e de Nínive, há milênios, faziam exatamente a mesma coisa, afastando os entes maléficos que vivem nas trevas (CÂMARA CASCU DO, 1972, p. 12).

Seu arremate didático é mais convincente:

Viajando num avião de jato, para a Europa, ia notando que muitas senhoras usavam, como joias caras, ornamentos em ouro que eram sobrevivências dos

que foram deparados nos túmulos paleolíticos do Cro-Magnon. Os museus guardam os originais daquelas cópias artísticas que pendem dos bustos elegantes, numa continuidade inapelável de 250 séculos. [...] O folclore, sendo uma cultura do povo, é uma cultura viva, útil, diária, natural. As raízes imóveis do passado podem ser evocadas como indagações da antiguidade. O folclore é o uso, o emprego imediato, o comum, embora antiquíssimo (CÂMARA CASCUDO, 1972, p. 123).

No entanto, sua percepção atualizada, lúcida e abrangente do fenômeno não motivou setores da vanguarda dos estudos folclóricos. Aliás, essa comunidade foi muito ativa, nas décadas de 1940, 1950 e 1960, mas fragmentou-se desordenadamente, estando hoje em franco declínio e desagregação. Esse processo, cujas raízes, fincadas no século XIX, foram dimensionadas criticamente por Renato Ortiz (1992), encontra-se bastante documentado, no século XX, por Luís Rodolfo Vilhena (1997). Estigmatizada pelo “espírito de antiquário”, a meta dos “folcloristas” era a de buscar no “povo” aquelas “raízes autênticas e genuínas” capazes de definir a matriz “nacional” da cultura brasileira, que os “românticos” do século XIX, guiados pelo “espírito nacionalista”, haviam identificado no “indigenismo”. (VILHENA, 1997, p. 15).

Essa “visão idealizada”, dando ênfase aos aspectos “autênticos” e às raízes “comunitárias”, conduziu os “folcloristas” a se preocuparem mais com a “instrumentalização” da cultura popular do que com a sua fenomenologia. Isso explica, segundo Vilhena (1997, p. 10) a “perda de legitimidade” do folclore no âmbito das ciências sociais. Fator importante para esclarecer tal impasse é a minimização ou desqualificação da natureza comunicacional do processo folclórico, como ocorreu com a recepção silenciosa ou desconfiada dos “folcloristas” às ideias heterodoxas de Luiz Beltrão. Segundo a socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz (1969, p. 894) essa incompreensão dos pesquisadores do folclore em relação ao conceito de “tradição”, decorre dos ruídos ocasionados pela incompreensão do fator “transmissão”. Para atingir o âmago do processo é indispensável que a “tradição” tenha sido “transmitida informalmente de uma geração para outra”.

Em face disso, mas sensibilizado pelas teses iconoclastas de McLuhan, o antropólogo Vicente Salles (1969, p. 886) recomenda atenção aos “progressos tecnológicos industriais”, englobando no “campo da cultura popular, inclusive rádio, anúncios de televisão, esportes, programas cômicos e anúncios do jornal, como se tais coisas representassem a mais importante arte contemporânea”, na linha de que o verdadeiro “meio de comunicação é a mensagem”.

Sem perder de vista a onda da “globalização”, o sociólogo Manuel Diegues Junior (1960, p. 910) advoga que o estudo do folclore urbano-industrial, no Brasil, seja “regionalizado”, não esquecendo de incluir, no seu repertório metodológico, a “influência exercida” pelo rádio e pela televisão, conduzindo a um “processo de rápidas mudanças [...] nas tradições folclóricas”. A identidade do folclore, enquanto fenômeno cultural e como processo comunicacional, fundamenta-se em três elementos básicos: tradição, anonimato e continuidade. Podemos dizer que essa identidade do folclore consiste, portanto, numa modalidade de sobrevivência simbólica legitimada e cultivada ininterruptamente pela sociedade. Sua permanência na vida social requer a transmissão desse patrimônio coletivo de uma geração a outra, o que só pode ser compreendido pelo reconhecimento do papel crucial desempenhado pela comunicação em seu referencial fenomenológico. Tanto é assim que, revisando a literatura contemporânea, Elliott Oring define o folclore como fenômeno resultante da vivência cotidiana de seres humanos, que se expressa primariamente através dos “canais de comunicação informal”, usualmente empregados pelo “povo”, entendido como “gente simples” (*ordinary people*). Não se confunde, portanto, com as formas de expressão usuais nas relações humanas “institucionalizadas” pela escola, igreja e outras organizações comunitárias (ORING, 1992, p. 16). Todavia, essa compartimentalização da sociedade vem se alterando gradativamente, como consequência da revolução tecnológica que encurtou o espaço e acelerou o tempo.

A vida cotidiana primitivamente estabelecia fronteiras entre as formas primárias e secundárias de comunicação, isolando comunidades, separando classes sociais e distanciando povos e culturas. Pouco a pouco as conversações familiares foram sendo contaminadas pelo conteúdo dos meios de comunicação de massa. Na sequência, o fenômeno comunicacional massificou-se, sem que os analistas sociais se dessem conta da mudança acelerada que afetou profundamente as relações culturais na sociedade pós-moderna. Esse torvelinho produziu uma cultura massiva e gerou uma espécie de folclore midiático. Como já expliquei, no âmbito acadêmico quem ampliou significativamente o papel da comunicação no domínio do folclore foi McLuhan, no livro *The Mechanical Bride* (Boston, 1951). Para o autor o “segredo” da indústria cultural norte-americana e de seu êxito nacional reside na apropriação das “tradições populares” que forjaram o “homem industrial”, mesclando o “arsenal simbólico das

comunidades edificadas pelos antigos colonizadores ingleses” ao “legado cultural introduzido pelos contingentes de imigrantes” (MARQUES DE MELO, 2008, p. 45).

Enquanto isso, o entendimento histórico do folclore, na sociedade brasileira, elide a questão da comunicabilidade dessa cultura tradicional, anônima e permanente, reduzindo-a à “oralidade”, como o fizeram os pioneiros Silvio Romero (1851-1914) ou José Veríssimo (1857-1916), ou então, a convertem em variável exógena, como consta da *Carta do Folclore Brasileiro* (1951), onde figura como componente do item “difusão”, desempenhando função mecanicamente reprodutiva (TAVARES DE LIMA, 1972, p. 14).

Trilhando aquele caminho aberto por Marshall McLuhan, mas estribando-se na literatura nacionalista, Luiz Beltrão introduz novas perspectivas à compreensão das manifestações da cultura popular, identificando potencialidades comunicacionais em objetos folclóricos, como o “ex-voto”, e mais adiante reconhecendo a interação entre mídia e folclore, atribuindo a este último a função decodificadora de sentidos que as mensagens midiáticas ocultam ou tornam nebulosas. Desta maneira, coube ao pioneiro do nosso campo comunicacional instaurar um debate curioso entre folcloristas e comunicadores que permanece inconcluso quase cinco décadas depois da publicação do livro *Comunicação e Folclore* (SP: Melhoramentos, 1971). Argumentando que os agentes do folclore atuam como intermediários, nos processos de comunicação social, entre os grupos marginalizados da sociedade contemporânea e as lideranças comunitárias, Beltrão evidencia como decodificar em linguagem popular conteúdos incompreensíveis por cidadãos iletrados ou ignorantes que habitam as periferias metropolitanas ou as vilas situadas nas adjacências das zonas agroindustriais.

Luiz Beltrão introduz a questão da coexistência entre os meios de comunicação de massa e os canais de difusão da cultura popular, de natureza interpessoal ou grupal. Sua hipótese sinaliza em direção à complementaridade entre eles, esboçando a teoria da Folkcomunicação para analisar os atos folclóricos que reinterpretem mensagens de interesse popular difundidos pela mídia massiva. Desde sua constituição como campo de estudos, no século XIX, o folclore vinha sendo caracterizado como fenômeno social cuja dinâmica repousa no fator comunicação, entre outros fatores estruturais. Entretanto, a compreensão dominante concebia a oralidade como seu requisito exclusivo. O passo adiante, ousado pela nova geração de estudiosos da área, abriu perspectivas para revisar o conceito de folclore,

admitindo, no final do século XX, o modelo que inclui tanto os elementos da tradição oral, ancorados na ancestralidade, configurando a *folk society*, como aqueles laicos, enraizados na *modern society*, eventualmente dependentes das fontes escritas ou impressas (ORING, 1986).

As Redes Investigativas

Os estudos de Folkcomunicação ganham impacto e passam a ser compartilhados com mais interesse a partir de 1998, quando se estrutura a Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação – Rede FOLKCOM, congregando os jovens pesquisadores da área. Além de se engajar plenamente nas Conferências Brasileiras de Folkcomunicação e de pesquisar os novos fenômenos emergentes do campo, a nova geração deu alento às teses de Luiz Beltrão. Renovou-as, sem cair na tentação de torná-las preceitos canônicos.

Surgindo em São Bernardo do Campo (SP) a Rede FOLKCOM optou pela mobilidade espacial, localizando-se periodicamente em distintos quadrantes da geografia nacional. Estabeleceu-se primeiro em Belo Horizonte (MG), migrou depois para Bertioga (SP), foi para as margens do Capibaribe, na cidade do Recife e agora está no Centro Cultural Marques de Melo do INTERCOM, em São Paulo. Em cada um desses espaços, a associação encontrou terreno fértil. Sua produtividade pode ser mensurada através da série de publicações editadas, nesses e em outros locais.

As ideias de Luiz Beltrão estão sendo resgatadas, atualizadas e aprofundadas no Brasil pela Rede FOLKCOM, constituída com o apoio da Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. Trata-se de um coletivo de pesquisadores das interfaces entre comunicação massiva e cultura popular que vem se reunindo anualmente nas Conferências Brasileiras de Folkcomunicação. A primeira foi realizada em 1998 no *campus* da Universidade Metodista de São Paulo, na cidade industrial de São Bernardo do Campo. É ali que está sediada a Cátedra UNESCO de Comunicação do Brasil, um dos elos da entidade mundial, denominada ORBICOM - Rede das Cátedras UNESCO de Comunicação. Desde a sua criação, em 1946, em Paris, a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) vem se empenhando na preservação do patrimônio cultural da humanidade. Esse trabalho não se restringe a tombar cidades históricas. Ele busca também valorizar as manifestações culturais dos grupos étnicos, comunidades locais ou das nacionalidades. Fiel a essa plataforma, a Cátedra UNESCO de Comunicação do Brasil escolheu como diretriz de

trabalho o fortalecimento da Comunicação Regional. E uma das suas dimensões evidentes, no território nacional, é a sobrevivência de um conjunto de meios de expressão popular, que coexistem interativamente com a mídia massiva.

As pesquisas desenvolvidas pelos discípulos de Luiz Beltrão atestam a pujança dos processos Folkcomunicacionais na base da nossa sociedade, tendo em vista a persistência daqueles contingentes “marginalizados” da sociedade de consumo que ainda demandam a decodificação “popular” dos conteúdos elitistas veiculados pela mídia convencional (BENJAMIN, 2000). Evidencia-se, contudo, a emergência de uma corrente em sentido oposto, qual seja a incidência de temas populares na mídia massiva, refletindo a sensibilidade dos seus editores para corresponder às expectativas dos segmentos que se incorporam ao seu mercado consumidor, principalmente na imprensa diária. Tais processos folkmediáticos (MARQUES DE MELO, 2004) começam a ser desvendados pela nova geração que integra a Rede FOLKCOM. A confirmar-se essa tendência, estaríamos reproduzindo, meio século depois, aquele fenômeno que McLuhan identificara na América do Norte (Estados Unidos e Canadá), dando-lhe o rótulo de “folclore do homem industrial”.

O desafio vem sendo enfrentado pelos pesquisadores da Rede FOLKCOM que percorrem terrenos íngremes e ultrapassam curvas sinuosas, cobrindo universos que oscilam entre o abrangente *Folkcomunicação e cultura brasileira* (1999) e o específico *comunicação dos migrantes* (2007). Entre décadas de pesquisas e reflexões, ainda há muito para se questionar acerca dos impasses teóricos e dos desafios metodológicos, remanescentes ou adventícios. Motivados a resgatar criticamente as raízes da disciplina e a mapear suas fronteiras, bem como inventariar os sujeitos, objetos e cenários que margeiam o espaço Folkcomunicacional, nos dias presentes, os participantes da Rede FOLKCOM mobilizam sinergias em todo o território nacional.

Um bom exemplo desse mutirão cognitivo resultou no livro *Território da Folkcomunicação* (Natal: UFRN, 2011) que a professora doutora Maria Érica de Oliveira Lima (na época vice presidente da Rede FOLKCOM) organizou com a participação de colegas e alunos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Ali se encontram os relatos de veteranos estudiosos do campo, a exemplo de Osvaldo Trigueiro e Cristina Schmidt, as observações feitas pela vanguarda atual, como Maria Cristina Gobbi, Betânia Maciel ou Marcelo Pires, mas sobretudo as contribuições da nova geração de pesquisadores fascinados

pela riqueza de objetos e variedade de contextos entreabertos por Luiz Beltrão. Alguns iniciantes partilham com os seus orientadores a análise e a interpretação dos dados coletados no campo ou as evidências denotadas nas revisões de literatura. Outros antecipam seus próprios olhares sobre os objetos focalizados, ousando sugerir generalizações descritivas e até mesmo conclusões indicativas.

Vale destacar o primeiro encontro dos estudiosos latino-americanos da Folkcomunicação no IV Congresso da Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIIC), promovido na cidade do Recife, ocasião em que foi criado o grupo de pesquisas *Comunicación Intercultural y Folkcomunicación/Comunicação Intercultural e Folkcomunicação* sob a coordenação de um dos seus discípulos mais atuantes, o professor Dr. Roberto Emerson da Câmara Benjamin. Na ocasião foi lançada uma obra coletiva sobre a vida e a obra do mestre pernambucano *Itinerário de Luiz Beltrão* (Recife: AIP/UNICAP, 1998). As fontes de referência para esse trabalho de registro documental são os ensaios de autoria do professor Dr. Paulo Rogério Tarsitano *Luiz Beltrão: vida e obra* (originalmente apresentado à 48ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, PUC-SP, 1996, depois publicado na revista *Comunicação & Sociedade*, n. 25, POSCOM/UMESP, 1996, p. 165-182) e do professor Dr. Roberto Benjamin *Folkcomunicação: contribuição brasileira à escola latino-americana de comunicação* (originalmente apresentado à 21ª Conferência Científica da *International Association for Mass Communication Research IAMCR*, University of Strathclyde, Glasgow, Escócia, 1998, depois publicado no *Anuário UNESCO/UMESP de Comunicação Regional*, São Bernardo do Campo, 1998, p. 133-138).

Os eventos acadêmicos em torno da temática folkcomunicacional permitem aos pesquisadores e iniciantes alternar ou mesclar estudos metodológicos em torno de temas holísticos, históricos, conceituais, segmentados, geomorfológicos e/ou sócio autorais.

Século XXI: A cultura popular e a pesquisa de Folkcomunicação

Há quase duas décadas, as Conferências Brasileiras de Folkcomunicação vem debatendo a dinâmica da cultura popular na era das comunicações globais. Ou melhor, numa sociedade cujo símbolo deixa de ser a chaminé das indústrias para adotar as antenas parabólicas, que nos permitem enviar/receber mensagens do mundo inteiro. A Folkcomunicação oferece embasamento para o estudo desses fenômenos culturais. Os

praticantes folkcomunicacionais acadêmicos não se restringem aos comunicólogos, mas inclui também pesquisadores das áreas de Letras, Artes e Ciências Sociais. É nas conferências Folkcom que os pesquisadores se encontram para debater os novos conhecimentos produzidos, revelando à comunidade universitária as singularidades dessa rede midiática constituída por micro meios cujas raízes estão no período colonial, mas cujas antenas sintonizam a riqueza simbólica da sociedade telemática. Passado e futuro se interconectam num corpo complexo de palavras, sons e imagens, demonstrando que tradição e modernidade são duas faces de uma sociedade que progride sem perder sua identidade.

Desafio de criar e testar metodologias

Dessa forma, ao celebrar o centenário de nascimento de Luiz Beltrão é importante buscar evidências da maturidade desta disciplina acadêmica, a Folkcomunicação. A Rede FOLKCOM já exhibe um aluvião de registros sobre as incursões teóricas ou empíricas feitas pelos seus participantes. A produtividade transparece também nas publicações assinadas pelos próprios integrantes da Rede FOLKCOM que conta também um vídeo didático “Ver e entender Folkcomunicação” (KOZLAKOWSKI e ARONCHI, 2006) lançado em todo o país pelo Centro Universitário UNINOVE (São Paulo), com importantes depoimentos de Antonio Hohlfeldt, Cristina Schmidt, José Marques de Melo, Osvaldo Trigueiro, Roberto Benjamin e Sebastião Breguez sobre a natureza dos fenômenos Folkcomunicacionais.

O esforço rejuvenescedor e a ousadia revitalizadora da Rede FOLKCOM foram reconhecidos pelo Júri de 2011 do Prêmio Luiz Beltrão de Ciências da Comunicação, mantido pela Intercom em parceria com o Programa Globo Universidade. Ao receber, das mãos do presidente da INTERCOM, Antonio Hohlfeldt, o troféu de “Grupo Inovador”, o professor e pesquisador folkcomunicacional Marcelo Pires de Oliveira (Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus/BA), presidente da Rede FOLKCOM naquele ano, destacou o mérito dos seus antecessores na liderança da nova geração.

Acompanhei com orgulho a publicação de algumas obras importantes para o acervo folkcomunicacional como a coletânea *Mídia e Folclore*, em 2001 pelas Faculdades Maringá do Paraná. Também destaco o dossiê *Folkcomunicação*, encartado na edição 33 da revista *Comunicação Social* (2000), publicada pela Editora da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Trata-se da mesma editora que lançou o livro de *Luiz Beltrão – Folkcomunicação*:

Teoria e Metodologia (2004), reunindo os capítulos essenciais da sua obra teórica e monografias inéditas, esparsamente publicadas nos anos que precederam sua morte. Desta maneira, os novos estudiosos da área tiveram a oportunidade de ler e refletir sobre textos básicos da Folkcomunicação para estruturação teórico/metodológica dos projetos de pesquisa. Registro duas coletâneas coordenadas por lideranças da área:

- Sebastião Breguez (2004) lançou *Folkcomunicação: resistência cultural na sociedade globalizada* publicada pelo Grupo de Pesquisa em Folkcomunicação, Mídia e Interculturalidade da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM).
- Cristina Schmidt (2006) organizou o livro *Folkcomunicação na arena global: avanços teóricos e metodológicos* (SP: Ductor, 2006), reunindo estudos críticos da vanguarda aglutinada pela Rede FOLKCOM.

A atualização completa das obras sobre Folkcomunicação até 2018 foi realizada pela professora e pesquisadora Cristina Schmidt (UMC) e está no artigo *O centenário de Luiz Beltrão e o acervo da Folkcomunicação* que integra esse dossiê especial sobre o *Centenário de Luiz Beltrão* editado pela Revista Internacional de Folkcomunicação (RIF), revista esta que fomenta com brilhantismo esse caudal cognitivo. A dinamização dos estudos brasileiros de Folkcomunicação evidencia-se não apenas pelo volume crescente das pesquisas realizadas em território nacional, mas sobretudo pelos artigos que são publicados na Revista Internacional de Folkcomunicação (RIF). Esse periódico digital, vocacionado para a reflexão crítica sobre as tendências da disciplina, é grande fomentador do intercâmbio com os pesquisadores forâneos, localizados principalmente na América Latina. Editada originalmente por Antonio Teixeira Barros (BSB: IESB) e continuada por Sérgio Gadini e Karina Janz Woitowicz (Ponta Grossa/PR: UEPG), franqueou espaços para que os jovens pesquisadores da área difundissem o novo conhecimento Folkcomunicacional. O grupo de Ponta Grossa, liderado por Sérgio Gadini e Karina Woitowicz, lançou e produziu uma obra referencial para os estudiosos da Comunicação *Noções básicas de Folkcomunicação. Uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões* (GADINI e WOITOWICZ, 2007). Através de verbetes escritos por especialistas situados em distintas latitudes e cultivando diferentes visões de mundo, a obra representa uma contribuição valiosa à difusão e renovação do pensamento Folkcomunicacional. O volume não esgota o repertório da Folkcomunicação. Ao contrário,

elege alguns termos e expressões de domínio generalizado. Desta maneira, deixa o terreno pavimentado para estimular projetos semelhantes, mais amplos e profundos. Recolhendo, registrando e explicando a linguagem através da qual a Folkcomunicação se faz entender, seus praticantes estão contribuindo para a maturidade, a legitimação e o reconhecimento público dessa disciplina acadêmica, a Folkcomunicação. Trata-se, em verdade, de uma atitude coerente e consistente, no sentido de alargar as fronteiras disciplinares, em busca de novos objetos, mas com a intenção de criar e testar metodologias apropriadas.

O maior desafio da nossa comunidade acadêmica é desenvolver investigações estruturadas e fundamentadas que permitam testar metodologias apropriadas e publicar esses estudos. Não podemos esquecer a lição anotada por Luiz Beltrão em 1982, quando participava do ciclo de estudos organizado pela INTERCOM para debater as “tendências e as perspectivas” da pesquisa em comunicação no Brasil.

[...] A pesquisa em Folkcomunicação é, sempre, *a pesquisa do que é dito numa metalinguagem* (oral, gráfica, musical, icônica ou cinética), na qual as maneiras de expressar-se, como os tropos (metáforas e metonímias), os recursos de construção (elipses, pleonasmos, reticências, sínquises e anáforas) e as figuras de pensamento (à semelhança dos paradoxos, antíteses, eufemismos, preterições, alusões e antífrases da comunicação verbal) devem ser rigorosamente examinadas como partes importantes na decodificação do discurso como um todo (BELTRÃO *apud* MARQUES DE MELO, 1984, p. 75).

O fundador da disciplina alerta para o perigo de mimetização dos estudos folclóricos na pesquisa Folkcomunicacional:

O encanto do folclore, o seu pitoresco, a sua cor, tudo quanto de curioso, desafiador e até esotérico que contém suas formas leva o pesquisador muitas vezes a cingir-se ao significado manifesto, estratificado da mensagem, à aceitação pura e simples do caráter tradicional de que se reveste. Escapa-lhe, desse modo, a possibilidade de interpretá-lo, de penetrar o sentido latente da manifestação folclórica, decodificando com mais rigor a mensagem... (BELTRÃO *apud* MARQUES DE MELO, 1984, p. 73).

Beltrão conclui, desafiando os jovens pesquisadores a conceber métodos apropriados para desvendar a natureza desses fenômenos, com o firme propósito de produzir conhecimento capaz de contribuir para superar a condição de “marginalizados” em que se encontram os agentes Folkcomunicacionais.

Trata-se, a meu ver, de uma tarefa que estamos, professores, pesquisadores e profissionais da comunicação, perfeitamente conscientes e em concordância com o momento histórico que vivemos: o de aprender e difundir o pensamento e as aspirações das parcelas marginalizadas, sem acesso aos poderosos meios de comunicação a serviço das elites privilegiadas. O discurso dessas camadas não deve continuar a ser considerado como fato curioso e colorido, como expressão do seu conformismo e de sua vida cultural vegetativa. Penso que devemos procurar nele as raízes da sua participação necessária em um programa desenvolvimentista que a todos beneficie e não de um processo que lhes é imposto de cima... (BELTRÃO *apud* MARQUES DE MELO, 1984, p. 73).

Ao falecer, em Brasília, em 1986, Luiz Beltrão deixou um legado intelectual fértil, instigante e provocativo. Vale a pena resgatar as palavras que escolheu para dialogar com os leitores da sua tese de doutorado, mesmo incompleta:

Entregando ao leitor este estudo, o Autor reserva apenas, para si, a convicção de que tentou abrir uma picada para a estrada larga que outros mais autorizados e mais seguros irão percorrer no sentido de investigar os agentes e os canais de Folkcomunicação e, assim, penetrar no âmago das diretrizes reais que conduzem a ação política do homem brasileiro em sua complexa integridade (BELTRÃO, 1971, *contracapa*).

Neste novo milênio descobrimos que a Folkcomunicação concebida como disciplina científica por Luiz Beltrão deixou de ser uma mera "picada" para se converter na estrada larga por ele preconizada. Quem o atesta é seu principal discípulo e sucessor, Roberto Benjamin, que inventariou com excelência os avanços dessas investigações em todo o território nacional.

A Folkcomunicação, ensinada e pesquisada na universidade brasileira, tem dado como resultado a publicação de estudos resultantes de trabalhos de campo. [...] Seus continuadores procuram expandir a conceituação e estabelecer a relação entre as manifestações de cultura popular e a comunicação de massa, incluindo em seus estudos a mediação realizada pelas manifestações populares na recepção de comunicação de massa, a apropriação da tradição popular pelos *mass media* e a apropriação pela cultura popular de aspectos da cultura de massa (BENJAMIN, 1998, p. 136).

Além do professor Roberto Benjamin que produziu o primeiro estudo monográfico sobre a mediação dos canais populares no processo de comunicação de massa com o título *Os folhetos populares e os meios de comunicação social* (Symposium: Quarterly Journal, 1969), bem como refletiu profundamente sobre o maracatu, aproveito para ilustrar com outros bons

exemplos de documentação e análise de canais populares e suas mensagens por outros discípulos de Beltrão:

- as teses de Joseph Luyten sobre literatura de cordel;
- a pesquisa feita por Edval Marinho de Araújo sobre o folguedo cavalo-marinho;
- a pesquisa sobre almanaques de Rute Almeida;
- o estudo sobre os efeitos da comunicação de massa sobre um canal popular de Luís Custódio com o título “A influência do rádio na dinâmica cultural das cantorias na Paraíba”;
- a dissertação de Osvaldo Meira Trigueiro intitulada “A TV Globo em duas comunidades rurais da Paraíba” que estuda a audiência da televisão em grupos de cultura *folk* interligados a este *mass medium*;
- o estudo comparativo sobre a temática do Natal, que elaborei analisando o impacto da globalização e a permanência das tradições populares nas mensagens veiculadas pelos jornais brasileiros.

As novas correntes de estudiosos da Folkcomunicação percorrem fluxo inverso àquele originalmente concebido por Luiz Beltrão. O fundador da disciplina privilegiou os autênticos processos Folkcomunicacionais, bem como a folkmídia enquanto recodificadora das mensagens previamente veiculadas pelos *mass media*. Seus jovens discípulos procuram desvendar de que maneira a Folkcomunicação atua como retroalimentadora das indústrias culturais, seja pautando matérias jornalísticas, gerando produtos ficcionais, embasando campanhas publicitárias e de RP ou invadindo os espaços de entretenimento. Enquanto disciplina acadêmica, a Folkcomunicação vivenciou dois momentos cruciais: a criação do objeto, em consonância com a ideia esboçada por Luiz Beltrão e a configuração do campo pela prática dos pesquisadores que endossaram sua proposta inovadora. Como pesquisadores comunicacionais estamos avançando, mas ainda é pouco, precisamos estimular as futuras gerações.

Elas seguramente vão construir o edifício de um campo do conhecimento que tenha identidade brasileira, sem perder sua vocação universal e sem renunciar ao compromisso local, convertendo cada cidadão em depositário das utopias que embalaram as gerações precedentes. (MARQUES DE MELO, 2014, p.11).

A nova geração que institucionaliza a disciplina defronta-se com a missão de atualizar o legado do fundador para dar continuidade ao seu projeto multifacetado, de acordo com a natureza da sociedade que marca a fisionomia do século XXI. A circulação de obras de referência e os encontros nacionais e internacionais da comunidade folkcomunicação faz com que os pesquisadores adquiram a maturidade acadêmica necessária para vislumbrar os caminhos a percorrer nesta conjuntura marcada pela complexidade. “Viva o centenário de Beltrão, vida longa à teoria da Folkcomunicação”.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Renato de. **Manual de coleta folclórica**. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1965.

BARBOSA, Sérgio; BORGES, Ieda. **Teoria e Prática de Jornalismo**. Adamantina: Omnia, Faculdades Adamantinenses Integradas (FAI), 2006.

BARRETO, Luís Antonio. **Folclore, invenção e comunicação**. SP: Socortecci, 2005.

BAUSINGER, Hermann. *Volkskultur in der technischen Welt*. Stuttgart: W. Kohlhammer Gumh, 1961. Tradução norte-americana: **Folk Culture in a world of technology**, Indiana University Press, 1990.

BELTRÃO, Luiz. O ex-voto como veículo jornalístico. In: **Comunicações & Problemas**, v.1, nº 1, 1965. (p. 9-15)

_____. **Os senhores do mundo**. Recife, 1950.

_____. **Quilômetro Zero**. Recife, 1958.

_____. **A serpente no atalho**. Brasília, 1974.

_____. **A greve dos desempregados**. SP, 1984.

_____. **Contos de Olanda**. Recife, 1989.

_____. **Memórias de Olinda**. Recife: FIAM, 1996.

_____. **Itinerário da China**. Pernambuco: Imprensa Oficial do Estado de Pernambuco, 1959.

_____. **Iniciação à Filosofia do jornalismo**. RJ: Agir, 1960.

_____. **Métodos en la enseñanza de la técnica del periodismo**. Quito: CIESPAL, 1963.

- _____. **Técnica de Jornal**. Recife: ICINFORM, 1964.
- _____. **A Imprensa Informativa**. SP: Folco Masucci, 1969.
- _____. **Comunicação e Folclore**. SP: Melhoramentos, 1971.
- _____. **Jornalismo Interpretativo: Filosofia e Técnica**. Porto Alegre: Sulina, 1976.
- _____. **Jornalismo Opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.
- _____. **Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados**. SP: Cortez, 1980.
- _____. A folkcomunicação não é uma comunicação classista. Entrevista. In: **Revista Brasileira de Comunicação**. SP: Intercom, Ano X, n. 57, SP, 1987. (p. 13-14)
- _____. **Memória de Olinda**. Recife: FIAM/ Olinda, Prefeitura Municipal, 1996.
- _____. **Sociedade de massa: comunicação & literatura**. Petrópolis: Vozes, 1972.
- _____. **Fundamentos Científicos da Comunicação**. Brasília: Thesaurus, 1973.
- _____. **Teoria Geral da Comunicação**. Brasília: Thesaurus, 1977.
- _____. **Teoria da Comunicação de Massa**. São Paulo: Summus, 1986. (escrito com a colaboração de Newton de Oliveira Quirino)
- _____. **O índio, um mito brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- _____. **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2004.
- BENJAMIN, Roberto E. Câmara. **Itinerário de Luiz Beltrão**. Recife: AIP/UNICAP, 1998.
- _____. Folkcomunicação: contribuição brasileira à escola latino-americana de comunicação. In: **Anuário UNESCO/UMESP**, 1998. (p. 133-138).
- _____. **Folkcomunicação na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore, 2004.
- BREGUEZ, Sebastião. (org.) **Folkcomunicação: resistência cultural na sociedade globalizada**. São Paulo: Intercom, 2004.
- CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Tradições populares da pecuária nordestina**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1955.
- _____. **Rede de dormir**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1959.

_____. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. RJ: INL, 1962.

_____. Carta a Luiz Beltrão sobre o “ex-voto”. In: **Comunicações & Problemas**. Recife: Icinform, v. 1, nº 2, 1965.

_____. **Folclore do Brasil**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1967.

_____. **Ensaio de etnografia brasileira**. Rio de Janeiro: INL, 1971.

_____. **Seleta**. Rio de Janeiro: MEC/J. Olympio, 1972.

_____. **Antologia da alimentação no Brasil**. Rio de Janeiro: LTC, 1977.

CARNEIRO, Edison. **A Sabedoria Popular**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1957.

_____. **A Dinâmica do Folclore**. RJ: Civilização Brasileira, 1965.

COCHRANE, Allan. Global worlds and worlds of difference. In: ANDERSON, B.; COCHRANE, A. (eds.) **A Global World?**, New York: Oxford University Press, 1995. (p. 249-280).

CUNHA, Newton. **Dicionário SESC**. A linguagem da cultura. São Paulo: SESC-SP, 2003.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **Regiões Culturais do Brasil**. RJ: CBPE-INEP-MEC, 1960.

DOWNING, John. **Radical Media**. London: South End Press, 1984. Trad. **Mídia Radical**. SP: SENAC, 2004.

DUARTE, Jorge. Luiz Beltrão, um autodidata abrindo picadas no campo da Comunicação. In: MARQUES DE MELO, José; DUARTE, Jorge (orgs.). **Memória das Ciências da Comunicação no Brasil: Os Grupos do Centro Oeste**. Brasília: UniCeub, 2001. (p. 127-155)

ECO, Umberto. Roma: **L'Espresso de Milão**, 30 out. 1966.

ERBOLATO, Mário. **Dicionário de Propaganda e Jornalismo**. Campinas: Papirus, 1985.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da Língua Portuguesa**. RJ: Nova Fronteira, 1999.

FGV. **Retrato das Religiões no Brasil**. SP: Centro de Políticas Sociais, Instituto Brasileiro de Economia, Fundação Getúlio Vargas, 2000. Disponível em: <http://www.fgv.br/cps> Acessado em: 10 ago 2018.

FREYRE, Gilberto. **Alhos e Bugalhos**. SP: Nova Fronteira, 1978.

_____. **Casa-grande & senzala**. RJ: Maia e Schmidt Ltda., 1933.

_____. **Sobrados e mucambos**: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil. RJ: J. Olympio, 1961.

_____. (1959a). **Ordem e Progresso**: Processo de Desintegração das Sociedades Patriarcal e Semipatriarcal no Brasil Sob o Regime de Trabalho Livre. RJ: J. Olympio, 1959.

GADINI, Sérgio Luiz; WOITOWICZ, Karina Janz. **Noções básicas de Folkcomunicação**: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2007.

GALVÃO, Lucia Noya. Diário de Pernambuco presta homenagem a Luiz Beltrão. In: **Intercom Notícias**, nº 41, SP: Intercom, 2006.

GOBBI, Maria Cristina. Bibliografia de Folkcomunicação. In: BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. SBC: Ed.UMESP, 2004. (p. 143-160)

GONZÁLEZ, Jorge. Sociologia de las culturas subalternas. México: Mexicali/UABC, 1990.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. RJ: Paz e Terra, 1984.

HOHLFELDT, 2003. Luiz Beltrão: do jornalismo à literatura. In: **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 26, nº 1, SP: Intercom, 2003. (p. 69-78)

KATZ, Elihu; LAZARFELD, Paul F. **Personal influence: the part played by people in the flow of mass communication**. Glencoe, IL: Free Press, 1955.

KOZLAKOWSKI, Allan; ARONCHI, José Carlos. **Folkcomunicação**. Vídeo documentário. Série sobre Folkcomunicação. SP: Uninove, 2006.

LAROUSSE. **Brasil A/Z**. São Paulo: Editora Universo, 1988.

LEAL, César. Luiz Beltrão, teórico do jornalismo. In: BENJAMIN, Roberto. **Itinerário de Luiz Beltrão**. Recife: AIP/UNICAP, 1998.

LUYTEN, Joseph. Folkcomunicação. In: QUEIROZ E SILVA, Roberto P. de (coord.). **Temas básicos em comunicação**. SP: Paulinas/Intercom, 1983.

MARQUES DE MELO, José. Nos tempos da gloriosa. In: **Revista Brasileira de Comunicação**. SP: Intercom, v. 20, nº 2, 1997. (p. 13-28).

_____. **Folkcomunicação**. SP: Com-Arte/ ECA-USP, 1971.

_____. **Comunicação, modernização e difusão de inovações no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1978.

_____. Folkcomunicação, a comunicação do povo. In: **Telemania, anestésico social**. SP: Loyola, 1981. (p. 79-84)

_____. (org.) **Pesquisa em Comunicação no Brasil**. São Paulo: Cortez/Intercom, 1984.

_____. As ideias de um pioneiro da Escola Latino-Americana. In: **Revista Comunicação & Sociedade**, v. 22, nº 34. SBC: UMESP, 2000. (p.219-225)

_____. Folkcomunicación, aporte brasileño a la Teoría de la Comunicación. In: **Punto Cero**, v. 9, nº 8, Cochabamba, 2004.

_____. **Regionalização midiática**. Taubaté: UNITAU, 2006a.

_____. **Mídia e Cultura Popular: História, Taxonomia e Metodologia da Folkcomunicação**. SP: Paulus, 2008.

_____. (org.). **Território da Folkcomunicação**. Natal: UFRN, 2011.

_____. **Teoria e metodologia da comunicação: Tendências do século XXI**. SP: Paulus, 2014.

MARQUES DE MELO, José; GOBBI, Maria Cristina (orgs.) **Gênese do pensamento comunicacional latino-americano: o protagonismo das instituições pioneiras (Ciespal, Icinform, Ininco)**. SBC: UMESP, 2000.

MARQUES DE MELO, José. (org.) **Mídia e Folclore – o estudo da Folkcomunicação segundo Luiz Beltrão**. (Antologia). Maringá: Faculdades Maringá/Cátedra UNESCO/UMESP, 2001.

MARQUES DE MELO, José; GOBBI, M.Cristina; DOURADO, Jaqueline L. (orgs.) **Folkcom do ex-voto a indústria dos milagres: a comunicação dos pagadores de promessas**. Teresina: Halley, 2006b. 685p.

MAYNARD ARAÚJO, Alceu. Apresentação. In: BELTRÃO, Luiz. **Comunicação e Folclore**. SP: Melhoramentos, 1971.

_____. **Folclore Nacional**. Porto Alegre: Melhoramentos, v.3, 1964.

_____. **Cultura Popular Brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

MCLUHAN, Marshall. **The Mechanical Bride: Folklore of Industrial Man**. New York: Vanguard Press, 1951.

ORING, Elliott. (org.) **Folk Groups and Folklore Genres**. Logan Utah: Utah State University Press, 1986.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. SP: Brasiliense, 1988.

_____. **Cultura Popular: românticos e folcloristas**. SP: Olho d'Água, 1992.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Funções sociais do folclore. In: **Revista de Cultura Vozes**, v. 63, nº 10. Petrópolis: Vozes, 1969. (p. 893-902)

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de Comunicação**. SP: Ática, 1987.

SALLES, Vicente. Questionamento teórico do folclore. In: **Revista de Cultura Vozes**, v. 63, nº 10. Petrópolis: Vozes, 1969. (p. 878-888)

SAYA, Luiz. **Escultura Popular Brasileira**. SP: Gazeta, 1944.

SCHMIDT, Cristina. **Folkcomunicação na arena global: avanços teóricos e metodológicos**. SP: Ductor, 2006.

SEGISMUNDO, Fernando. In: **Comunicações & Problemas**. Recife: Icinform, v.1, nº2, 1965.

SOUTO MAIOR, Mário. **Dicionário de Folcloristas Brasileiros**. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1999.

TARSITANO, Paulo Rogério. Luiz Beltrão: vida e obra. In: **Comunicação & Sociedade**, nº 25. São Bernardo do Campo: UMESP, 1996. (p. 165-182)

TAVARES DE LIMA, Rossini. **ABC do Folclore**. São Paulo: Ricordi, 1972.

_____. **A ciência do folclore**. SP: Martins Fontes, 2003.

VILHENA, Luís Rodolfo. **Projeto e Missão: o movimento folclórico brasileiro: 1947-1964**. RJ: Funarte, 1997.

ZUMWALT, Rosemary Levy. **American Folklore Scholarship: A Dialogue of Dissent**. Indiana: Indiana University Press, 1988.

Submetido em: 02/11/2018

Aceito em: 10/11/2018